



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

VALERIA GOMES DA SILVA

**AUTOESTIMA E APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS,
ADULTOS E IDOSOS:**

Um Olhar Sensível e Humano no Âmbito Familiar

AMARGOSA – BA

2022

VALERIA GOMES DA SILVA

**AUTOESTIMA E APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS,
ADULTOS E IDOSOS:**

Um Olhar Sensível e Humano no Âmbito Familiar

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia, apresentado à banca examinadora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Andreia Barbosa dos Santos

AMARGOSA-BA

2020

VALERIA GOMES DA SILVA

**AUTOESTIMA E APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS,
ADULTOS E IDOSOS:**

Um Olhar Sensível e Humano no Âmbito Familiar

BANCA EXAMINADORA

Prof.ª Dr.ª Andreia Barbosa dos Santos
(Orientadora(a))

Prof.ª Dr.ª Luana Patrícia Costa Silva/UFRB
(Examinadora)

Prof.ª Dr.ª Gilsélia Macedo Cardoso Freitas/UFRB
(Examinadora)

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia aos jovens, trabalhadores, donas de casa, adultos e idosos que embargaram ou não tiveram acesso aos estudos, que vivem à margem de uma sociedade supressora e preconceituosa levando a culpa e se envergonham da condição de não alfabetizados, que na sua simplicidade não compreendem os vários motivos que contribuíram para que seus direitos fossem limitados. A eles, meus sentimentos e respeito.

AGRADECIMENTO

Esta monografia representa a conclusão de uma etapa da minha vida, onde um ciclo se fecha permitindo iniciar uma outra jornada, trilhar esse caminho foi difícil, mas prazeroso, pois durante o processo precisei traçar metas, vencer obstáculos sem mencionar as renúncias que precisam ser feitas para cruzar a linha de chegada, foi árduo, mas conseguir com apoio de pessoas que contribuíram, partilhando conhecimentos e experiências, palavras sábias, ou mesmo um afago que várias vezes necessitei.

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem ele nada sou, não teria conseguido avançar com muita garra e determinação, impulsionada constantemente pelo medo de não conseguir dar conta dos estudos tendo que fazer tripla jornada, sendo chefe de família, mãe, dona de casa, profissional e estudante.

Agradeço aos meus familiares, ao meu irmão Valdir Gomes Oliveira que sempre esteve ao meu lado, as minhas filhas Lorena Cruz e Beatriz Brito (sobrinha e filha presente que a vida me deu) que são minha inspiração, estiveram sempre do meu lado nos momentos mais difíceis, segurando minha mão, apoiando e incentivando para prosseguir sempre.

Nesse tempo que passei na universidade, construí algumas amigadas que foram de grande valia em meu percurso acadêmico, agradeço a todos os professores que fizeram parte dessa trajetória e contribuíram direta e indiretamente na minha formação inicial. E, por fim, externo a minha gratidão de forma especial a professora e orientadora Andréia Barbosa dos Santos por todo cuidado, paciência e colaboração.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar e refletir sobre experiências vivenciadas através de um projeto de pesquisa interventivo de alfabetização voltado para adultos imersos no período pandêmico e no contexto familiar que possibilitou construir pontes de ligação permitindo ao excluído ler e escrever sua palavra e sua história. O trabalho foi desenvolvido com alunos adultos analfabetos mediante atividades pedagógicas cotidianas planejadas, visando solucionar um problema educacional de alguns membros familiares, pois dentre os vários problemas educacionais no Brasil está o analfabetismo. Ele atinge em sua maioria, jovens, adultos e idosos. Em tempos da pandemia assolados pela Covid-19, o seio familiar passou também a ser um campo de trabalho e pesquisa, mas para enxergar um objeto de pesquisa nesses espaços é preciso um olhar aguçado e sensível diante de uma realidade gritante que muitas das vezes passa despercebido. Os conhecimentos teóricos adquiridos na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, local distante e distinto do meu lar contribuíram para desenvolver esse trabalho de alfabetização mediado por uma mulher, mãe, filha, profissional, pesquisadora que se vê diante do inegável: o analfabetismo dentro de sua casa. Filhos e filhas de mulheres negras e homens negros, excluídos do direito de “ler e escrever sua palavra” e sua história. Realizado por intermédio de atividades pedagógicas desenvolvidas após observação e coleta de dados, o processo se desenvolve. O referencial teórico deste trabalho é um diálogo do campo teórico da alfabetização de jovens, adultos e idosos, as causas e consequências do analfabetismo com o cenário pandêmico. Em relação aos resultados do trabalho, os mesmos tratam da inserção ao mundo letrado a partir de ações diárias. Além disso, indicam caminhos para uma aproximação contundente a novas possibilidades de abordagens aos processos educativos demonstrando a importância de uma intervenção alfabetizadora em espaços não escolares, capazes de superar metodologias para além dos livros didáticos permitindo conhecimentos libertadores e libertários.

Palavras- Chave: Alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos; Pandemia.

ABSTRACT

This paper aims to present and reflect on experiences lived through an interventional research project of literacy focused on adults immersed in the pandemic period in the family context that allowed to build bridges of connection allowing the excluded to read and write their word and their history. The work is being developed with illiterate adult students, through daily pedagogical activities planned aiming to solve an educational problem of some family members, because among the many educational problems in Brazil is illiteracy. It affects mostly young people, adults, and the elderly. In times of the Covid-19 pandemic, the family has also become a field of work and research, but to see a research object in these spaces it is necessary to have a sharp and sensitive look at a glaring reality that often goes unnoticed. The theoretical knowledge acquired at the Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, a place distant and distinct from my home, contributed to develop this literacy work mediated by a woman, mother, daughter, professional, and researcher who is faced with the undeniable: illiteracy in the home. Sons and daughters of black women and black men, excluded from the right to "read and write their word" and their history. The process is carried out through pedagogical activities developed after observation and data collection. The theoretical referential of this work is a dialog of the theoretical field of youth, adult and elderly literacy, the causes and consequences of illiteracy with the pandemic scenario. In relation to the results of the work, they deal with insertion into the literate world through daily actions. Furthermore, they indicate paths for a conclusive approach to new possibilities of approaches to educational processes, demonstrating the importance of literacy intervention in non-school spaces, capable of overcoming methodologies beyond the textbooks, allowing liberating and libertarian knowledge.

Keywords: Youth, Adult and Elderly Literacy; Pandemic

LISTA DE ABREVIATURAS

CETIC - Centro Regional e Estudos para Desenvolvimento da Sociedade da Informação

CFP - Centro de Formação de Professores

EAD - Ensino a Distância

ERE - Ensino Remoto Emergencial

ESP II - Emergência em Saúde Pública de Importância Internacional

ESP IN - Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional

INPEA - Instituto de Pesquisa e Economia Aplicada

LDBN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC - Ministério da educação

OMS - Organização Mundial da Saúde

PNA - Plano Nacional de Alfabetização

PNAD - Plano Nacional de Amostras por Domicílio

TIC - Tecnologia da Informação e Comunicação

UFRB - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Gráfico IBGE.....	19
Figura 2	Atividade Rita	35
Figura 3	Atividade Paulo	36
Figura 4	Atividade com Materiais Recicláveis.....	38
Figura 5	Atividade Rita “Quem Sou Eu?”.....	39
Figura 6	Atividade Paulo, Sonho Realizado.....	40
Figura 7	Atividade Rita – Objetos sagrados de sua religião.....	40
Figura 8	Apresentação do Alfabeto.....	46
Figura 9	Vogais e Consoantes.....	47
Figura 10	Vogais e Consoantes 01.....	47
Figura 11	Atividades feitas de próprio punho01.....	48
Figura 12	Atividades feitas de próprio punho02.....	49
Figura 13	Atividades feitas de próprio punho03.....	50
Figura 14	Atividades feitas de próprio punho04.....	51
Figura 15	Atividades feitas de próprio punho05.....	52
Figura 16	Atividades feitas de próprio punho06.....	53
Figura 17	Atividades feitas de próprio punho07.....	54
Figura 18	Atividades feitas de próprio punho08.....	55
Figura 19	Atividades feitas de próprio punho09.....	56
Figura 20	Atividades feitas de próprio punho10.....	57
Figura 21	Atividades feitas de próprio punho11.....	58
Figura 22	Atividades feitas de próprio punho12.....	59
Figura 23	Atividades para trabalhar a data e as ordem e os dias da semana.....	60

Figura 24	Trabalhando o Calendário.....	60
Figura 25	Trabalhando os sentimentos, vontades e emoções.....	61
Figura 26	Conhecendo a região, sua história e a memória, quebra-cabeça.....	62
Figura 27	Quebra-cabeça da região montado.....	63
Figura 28	Dominó dos insetos.....	64
Figura 29	Dominó dos insetos 01.....	65
Figura 30	Desenhando o pomar da fazenda com árvores frutíferas.....	66
Figura 31	A Casa de Rita e Paulo na fazenda.....	66
Figura 32	Imagem representa casamento de Rita e Paulo realizado no São João.....	67
Figura 33	Mensagem para conscientizar a todos sobre as vacinas.....	68

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. CENÁRIO DE PEQUISA EM TEMPOS PANDÊMICOS.....	12
2.1 Impactos Financeiros e Educacionais.....	15
2.2 Limites na Produção.....	18
2.3 Surpresa na Caminhada.....	20
2.4 Oportunidades em Meio ao Caos.....	22
3. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DIREITO DO POVO, DEVER DO ESTADO	26
3.1 Sujeitos da EJAI.....	28
3.2 Dívida Educacional.....	31
4. DESAFIO LANÇADO, DESAFIO ACEITO... TRAJETÓRIAS DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA FAZENDA JUVENTINA.....	32
5. CONCLUSÃO.....	41
REFERÊNCIAS.....	40
ANEXOS.....	46

1. INTRODUÇÃO

A presente monografia trata de gente, de vida, de pandemia, de aprender e aprender com as situações limites impostos nas comunidades sendo necessário a reflexão e ação no sentido de contribuir perante uma visão sensível e humanística voltada para uma parcela da população que vive à margem da sociedade letrada.

O objetivo da pesquisa qualitativa, sendo um estudo de caso, ação participante que permite reflexão e ação no sentido de contribuir de forma significativa, norteando o projeto interventivo de alfabetização de adultos no contexto familiar desenvolvido através da mediação pedagógica planejada, organizada e desenvolvida que está permitindo a ultrapassar barreiras acondicionadas ao analfabetismo que geram consequências psicológicas devido a condição de não alfabetizado, oprimidos por uma sociedade letrada excludente.

Ações que geram sentimento de culpa, inferioridade movidos pela crença de incapacidade participativa na sociedade como cidadãos que possuem não somente deveres, mas direitos ocultos e negados imbuídos pela falta de conhecimento e informações distorcidas, que os deixam presos a uma consciência paralisadora imersos ao sentimento de culpa, seguindo a vida sem perspectiva e anseio de avançar, alcançar novos horizontes através de voos educacionais libertadores.

A necessidade de realizar esse trabalho, surgiu diante de inquietudes e comportamentos de exclusão social, irritação por parte de dois integrantes da família quando recebiam mensagens escritas no celular, via aplicativo de WhatsApp, atrelados a uma experiência de estágio vivenciada no Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) na cidade de Amargosa.

Em meio a uma pandemia mundial provocada pelo Corona vírus (SARS-CoV-3), que causa uma síndrome respiratória aguda grave denominada Covid-19 e que submeteu a população ao isolamento social, permitindo a convivência e estreitando laços familiares, pois diante da demanda de compromissos diários acabamos nos distanciando mesmo estando perto, deixando passar despercebidos alguns detalhes importantes do seio familiar, de forma particular os de cunho educacional sendo nossa pauta de trabalho diariamente.

Entendendo que somos educadores, mas como estamos sempre preocupados com o processo de ensino aprendizagem do público externo ao familiar vislumbramos sempre um

campo de pesquisa fora dos nossos lares. Mas esse período pandêmico trouxe uma necessidade de mudança de postura, nos obrigando a viver o isolamento social também nos permitiu uma visão peculiar e o despertar para uma postura diferente com relação ao processo educacional familiar.

Buscando fazer o meu papel enquanto produtora de conhecimento, pois a professora examinadora participante da banca Dr^a. Gisélia Cardoso Macedo Freitas trouxe em uma de suas falas relatando seu parecer no dia da defesa do trabalho em questão, “nós somos o estado”, enquanto funcionários federais da educação.

Fala que chamou minha atenção, ao não esperar pelo estado enquanto instituição e fazer a minha parte começando no seio familiar, no entanto, entendo que não somos salvadores da pátria, mas podemos elevar a autoestima retirando pessoas das margens sociais, fazendo com que elas vivam em sociedade como parte integrante da mesma.

Os participantes colaboradores desta pesquisa são dois adultos trabalhadores rurais analfabetos, que aceitaram o desafio proposto com o objetivo de iniciar o processo de alfabetização sem vínculo escolar.

Ressaltando que não foi uma escolha a realização dessa pesquisa foi uma necessidade frente a um olhar sensível no seio familiar, de uma mulher, mãe e pesquisadora que, para além, da sua condição de discente e futura pedagoga, permitiu que sua humanidade falasse mais forte, pois antes de ser uma licencianda e futura profissional da área de educação precisou ser humana, afinal vivemos em uma sociedade que precisa estar cada vez mais fortalecida para enfrentar as adversidades da vida.

O desenvolvimento desse trabalho voltado para alfabetização de jovens e adultos para além dos muros da escola, será relevante, permitindo a construção de ferramentas de lutas reintegradora para travar batalhas entre exclusão, inclusão e direito educacional permitindo ao sujeito autonomia social numa sociedade excludente.

Nesse sentido, o presente trabalho apresenta um processo interventivo de alfabetização no espaço não escolar de educação com muito cuidado, respeitando limites e sobretudo, compromisso, vivenciando experiências, ultrapassando barreiras, vencendo dificuldades durante a trajetória, bem como, trazendo reflexões e margem para discussões com propostas atuais e direcionando para possíveis soluções que contribuam com o processo de ensino aprendizagem de jovens adultos e idosos.

2. CENÁRIO DE PEQUISA EM TEMPOS PANDÊMICOS

No início do 2020, fomos surpreendidos por uma pandemia causada por uma misteriosa pneumonia propagada por uma variação do vírus Sarscov-19, sendo noticiado seu primeiro caso em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, na China. Rapidamente caracterizou-se a infecção como um surto, diante do aumento assustador de casos levando a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarar situação de emergência em saúde pública de interesse internacional (ESPII) em janeiro de 2020, tratando-se de um vírus isolado descrito como Corona vírus, em virtude de seu perfil na microscopia, semelhante a uma coroa.

A propagação dos casos para outras áreas geográficas foi muito acelerada devido à globalização e à falta de conhecimento para adoção de medidas restritivas para os viajantes. Tão logo em fevereiro de 2020 foram confirmados os primeiros casos no Brasil e diversas ações foram implementadas a fim de conter e mitigar o avanço da doença. No dia 3 do mês de fevereiro o país declarou Emergência de Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) antes mesmo da confirmação do primeiro caso ocorrido no dia 26 de fevereiro. Nesse cenário, a OMS declarou a Covid-19 como pandemia em 11 de março de 2020.

Baseado em dados científicos foram adotados um pacote de medidas essenciais para a prevenção e enfrentamento ao vírus incluindo a higienização das mãos com água e sabão e uso de álcool em gel nas situações em que o acesso à água e sabão não fosse possível, evitar tocar olhos, nariz e boca, e proteger as pessoas ao redor ao espirrar ou tossir, fazendo uso do cotovelo flexionado ou lenço descartável.

Além disso, a OMS indicou a manutenção da distância social, uso de máscaras para profissionais de saúde assim como para população em geral, sendo recomendada pelo Ministério da Saúde, com base científica, a utilização de máscaras em tecido de algodão, TNT, dentre outros, para a população que está em contato com suspeitos em casa e que necessitar sair para realizar atividades que possam exigir contato com outras pessoas, de modo que a máscara atue como uma barreira mecânica, sendo adotada de forma imediata pelos brasileiros mesmo sofrendo resistências por partes de algumas comunidade e instituições sobretudo a hierarquia.

A consolidação dos dados sobre casos e óbitos por COVID-19, coletados e disponibilizados pelas Secretarias Estaduais de Saúde, vem sendo realizada desde o início da pandemia pelo Ministério da Saúde brasileiro, sendo de fundamental importância informações

que permite o conhecimento e dinâmica da doença no país e, conseqüentemente, auxilia no desenvolvimento de políticas públicas para desacelerar o incremento no número de casos.

Porém, o Ministro da saúde que estava assumindo a pasta no início da pandemia, Luiz Henrique Mandetta, atacado constantemente pelas hierarquias negacionistas que contrapõem de forma alarmante, evidenciando a negação e minimizando a gravidade do vírus, boicotando as medidas de prevenção, subnotificando e omitindo dados epidemiológicos, perseguindo a imprensa de forma intencional com o intuito de manter a população desinformada quanto a gravidade e forma de contágio, pois a principal preocupação do momento não estava voltada a preservar vidas mais sim a economia do país.

Os meios de comunicação, mesmo sofrendo perseguições, hierárquicas com relação a limitações ou negações de acesso a informações, vem combatendo a veiculação de informações falsas através de Fake News relacionada a real situação da pandemia, causando uma confusão mental na população e incentivando a tratamentos ineficazes sem base científicas, além de informações contrárias sobre a eficácia das vacinas.

O negacionismo eleva a dúvida e traz incertezas, influencia na adesão da população aos protocolos de prevenção, compromete a resposta do país à pandemia e ameaça à democracia.

Napolitano afirma que,

O negacionismo vai além de um boato ou fake news pontual. É um sistema de crenças que, sistematicamente, nega o conhecimento objetivo, a crítica pertinente, as evidências empíricas, o argumento lógico, as premissas de um debate público racional, e tem uma rede organizada de desinformação. Essa atitude sistemática e articulada de negação para ocultar interesses político-ideológicos muitas vezes escusos, que tem sua origem nos debates do Holocausto, é inédita no Brasil. (Napolitano, 2021.pag 01)

Oportunismo político e a incoerência dos discursos negacionistas em relação à pandemia foram se modificando: no começo, os negacionistas diziam que a Covid-19 era uma farsa, uma “gripezinha”. Depois, admitiram a existência da doença, mas negaram a sua gravidade e criaram teorias conspiratórias, destaca Yuriy Castelfranchi. Quem nega as evidências, continuará negando e ajustando a história [...] a cada momento.

Sendo que,

A ignorância não é causa do negacionismo, mas sua consequência, é fabricada propositalmente. É uma construção articulada por pessoas que possuem altíssima informação e meios sofisticados de produzir comunicação e que constroem espaços seletivos, no qual grupos enormes de pessoas são expostas à desinformação. (Castel Franchi, 2021, p. 01)

2.1 – Impactos Financeiros e Educacionais

Uma vez que a comunidade brasileira foi surpreendida pela (covid-19) fazendo com que houvesse uma mudança brusca nas nossas vidas, mudando toda nossa rotina diária exigindo da sociedade uma nova postura social e comunitária visando a sobrevivência fomos obrigados a criar estratégias para seguir nossas vidas e continuar cumprindo nossos compromissos profissionais, familiares entre outros mesmo com todos os transtornos físicos e psíquicos acometidos por uma pandemia.

Uma epidemia que por si configura um fator de estresse devido à possibilidade da própria pessoa ou alguém próximo ser infectado, para além disso é existente o temor de que não haja atendimento médico disponível em caso de necessidade ou que alguma pessoa próxima (família, amigos etc.) possa não ser atendida, caso precise.

Esses fatores atingiram a todos, sendo mais intensos e afetando de forma mais aguda a classe economicamente mais empobrecida e populações que residem em áreas com número limitado de profissionais de saúde e leitos hospitalares.

As medidas de distanciamento social fazem parte do pacote de medidas da OMS, sendo adotadas na maioria dos países do mundo com a finalidade de frear a velocidade da transmissão do vírus, diminuindo assim parte de problemas associados à pandemia. Tais medidas, contudo, criam vários outros fatores de estresse, pois o distanciamento social gera a restrição de circulação das pessoas provocando uma diminuição generalizada na quantidade de produtos, serviços e demandados ofertados, levando à redução de renda e conseqüentemente ao aumento do desemprego.

Embora isto ocorra em toda a sociedade, os impactos são ainda mais relevantes nas classes mais baixas da sociedade, principalmente no setor informal que representa aproximadamente 40% dos trabalhadores do nosso país, evidenciando ainda mais a desigualdade social e levando ao endividamento ou sacrifício de itens essenciais, arrastando famílias inteiras para o estado de extrema pobreza. (Fonte: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, 2020).

Contudo, com número elevado de pessoas com poucos recursos, que habitam em espaços reduzidos, têm dificuldade de adotar várias dessas recomendações, enquanto os indivíduos de classe média e alta conseguem se manter entretidos durante a quarentena de uma

forma que outros mais pobres não conseguem, pois estes possuem menos acesso a dispositivos, aplicativos ou conexão à internet de banda larga. Além disso, vivem em espaços reduzidos em residências minúsculas, que dificultam a realizações de atividades relaxantes ou divertidas, como praticar exercícios físicos. Em uma situação de quarentena, é provável que isso deteriore a saúde mental proporcionalmente mais entre pessoas mais pobres, reduzindo seus incentivos para manter o distanciamento social.

A COVID-19 em certa medida tenta nos paralisar obrigando a sociedade a reinventar-se dia após dia, trazendo novas perspectivas, despertando novos olhares, permitindo novas vivências, mesmo que distantes fisicamente. Apresenta um “novo normal”, onde fomos obrigados a frear e desenvolver estratégias que nos permitissem seguir com as nossas vidas, mesmo em meio ao momento pandêmico no qual estamos inseridos.

Essa realidade fez países, estados e municípios suspenderem inúmeras atividades que eram exercidas em grupo de forma presencial, pois uma das formas mais eficazes de evitar o contágio do vírus era exatamente o isolamento social da humanidade por um determinado período de tempo, entre elas estão as atividades de cunho educacional como: escolas, institutos, universidades que precisaram permanecer de portas fechadas tendo em vista que, o ensino presencial estava proibido no país, com os efeitos restritivos de convivência social que passa a ser diretriz para organização da vida em sociedade, ressaltando as estratégias citadas anteriormente.

Como medidas solidárias de pactuação federativa estados e municípios, no conjunto de outras medidas, editam decretos relativos à suspensão de aulas e, em março de 2020, o Ministério da Educação, por meio da portaria nº 343/MEC orienta a substituição de aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto perdurar a situação de pandemia da COVID-19.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDBN 9.394/96 (BRASIL, 1996) considera a EAD como uma modalidade da educação mediada por tecnologias e realizada em ambientes virtuais. O ensino remoto é uma expressão registrada no ordenamento educacional e seu endereçamento é propício às atividades e tarefas didáticas não presenciais, o que no contexto da emergência sanitária tornou-se uma possibilidade.

Essa portaria que tenta amenizar os impactos na educação através de uma solução imediata visando contemplar a todos evidenciou ainda mais a desigualdade educacional gritante

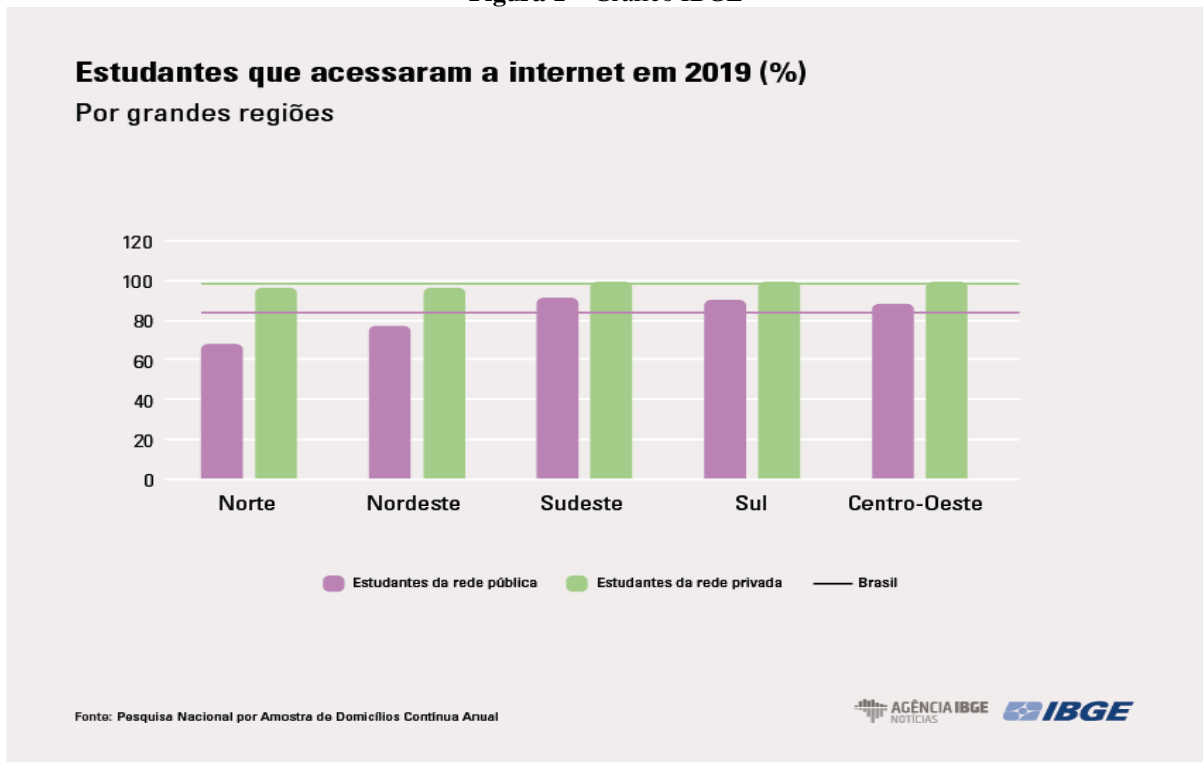
existente em nosso país, excluindo ainda mais as classes mais pobres da sociedade, para se ter acesso a modalidade de educação remota no modelo EAD.

Nessa perspectiva, ficou evidente que era preciso ter/garantir condições mínimas que favorecessem o acesso à: computadores, tablets e celulares, entre outros aparelhos tecnológicos atrelados ao acesso a rede de internet seja ela fixa ou móvel. Porém, diante das estatísticas e do slogan “fique em casa” veiculado na mídia, suscitou a necessidade de conhecer a parcela dos brasileiros que está à margem do acesso à essa tecnologia da informação e comunicação (TIC).

Um levantamento do Centro Regional e Estudos para Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC). Segundo a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD) coletada no último trimestre de 2019 revelou que: O percentual de estudantes, de 10 anos ou mais, com acesso à internet cresceu de 86,6%, em 2018, para 88,1% em 2019, mas 4,3 milhões ainda não utilizavam o serviço, sendo a maioria alunos de escolas públicas (95,9%).

Enquanto, 4,1 milhões de estudantes da rede pública de ensino não tinham acesso ao serviço, apenas 174 mil alunos do setor privado não tinham conexão à rede mundial de computadores. Quase todos os estudantes de escolas particulares tinham acesso à internet (98,4%). Já no ensino público, eram 83,7%. Essa diferença é ainda mais marcante entre as grandes regiões do país.

Figura 1 – Gráfico IBGE



Fonte: IBGE – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Anual

Esses dados mostram que estudantes da rede pública tinham menos acesso [...] a pesquisa ressalta a questão financeira como o maior impasse para acessar essas ferramentas. E como o celular é o principal meio de acesso à internet, num contexto de ensino remoto, provavelmente, esses estudantes terão mais dificuldades do que os da rede privada, aumentando ainda mais a desigualdade educacional em nosso país, mas segundo a portaria nº 343/MEC vista como solução para expor o comprometimento com a educação formal que perante a LEI nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, ressalta que,

Art. 4 I - Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

I - Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

IX - Garantia de padrão de qualidade;

IX - Padrões mínimos de qualidade de ensino, definidos como a variedade e quantidade mínimas, por aluno, de insumos indispensáveis ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

Diante desse contexto, percebe-se a distância descrita na lei perante realidade atual onde a massa mais vulnerável da sociedade vem enfrentado dissabores e bebendo cálices amargos, tendo que seguir em frente permeando um futuro ainda mais incerto, arrastada por uma avalanche de negacionismo, negação a preservação de vidas humanas, pois a palavra de ordem é “a economia não pode parar”. Que economia?

A economia que mata, que menospreza, que adocece, que mutila, que não permite o avanço mesmo tendo conhecimento da letalidade do vírus que já matou 650.000 mil pessoas chegando a 5.000 mil mortes diárias, uma economia que preenche ainda mais o bolso de poucos e que eleva a fome de muitos, fome de comida, de educação, de saneamento básico, de moradia entre tantas outras necessidades.

2.2 – Limites na Produção

Limitada, precisei adequar-me nesse cenário da realidade atual, superando mais um obstáculo no final da minha formação inicial, pois mesmo com todas as barreiras enfrentadas por uma mulher negra, mãe solo, com receio de contrair o vírus, passar um tempo no campo foi uma opção. Entendendo que, dessa forma, me manteria distante do vírus pôr se tratar de uma comunidade rural onde o fluxo de pessoas era reduzido, já que toda sociedade estava submetida a isolamento social imposto pelas autoridades nacionais, orientado pela Organização Mundial da Saúde e as instituições competentes do país.

A estratégia tinha finalidade de frear o vírus e assim evitar que o sistema de saúde entrasse em colapso, no nosso estado, pois o vírus vinha se espalhando de forma assustadora levando muitas pessoas a buscarem um serviço de saúde que já se encontrava superlotado, faltando leitos nas unidades de saúde, principalmente leitos de terapia intensiva para pacientes com sintomas graves, onde infelizmente muitos vieram a óbito.

Por conta da pandemia passo a residir na fazenda, pois além de estar no aconchego familiar, lugar onde me sentia em partes mais segura com alguns familiares. Sem falar no colo de mãe, melhor lugar do mundo para estar, rodeada de pessoas que amo, enfim, os dias se passaram, continuei minha graduação de forma remota, na rotina tranquila, como é a vida no campo, um lugar favorável para desenvolver a escrita da minha monografia.

Porém, com todo esse cenário favorável, os impactos da pandemia assolaram também a minha vida. A constante divulgação através dos meios de comunicação noticiando números alarmantes de vítimas infectadas e mortas me paralisaram, sem falar das pessoas mais próximas que abalavam ainda mais o meu emocional.

Confusa e muito triste acabei me isolando para refletir sobre a vida, confesso que pensei em desistir e abandonar a faculdade. Sentia-me impotente vendo muitos dos nossos partirem sem poder fazer nada, tudo que queria era ficar bem pertinho da minha família, com medo que eles fossem acometidos por esse vírus. Então a paralisia assolou a minha vida e fui obrigada a parar por alguns meses o processo de escrita da monografia em questão, passando a cuidar daqueles que se encontravam a minha volta.

Conforme o tempo passava, os casos começaram a decrescer, assim relatava os meios de comunicação, mas a realidade era bastante contraditória, então em março de 2021 retornei à cidade da Amargosa para assim continuar com a rotina diária e compromissos para além das atividades acadêmicas tentando seguir a vida diante do “novo normal”, e volto a mais um semestre na modalidade remota.

Logo veio a frustração de cursar duas disciplinas de estágio através do Ensino Remoto Emergencial (ERE), sendo os estágios supervisionados parte fundamental nesse processo formativo, pois estamos sendo preparados para atuar como Licenciados em Pedagogia. Sendo assim, os espaços escolares e não escolares são de fundamental importância para que possamos começar a exercer essa profissão, para além disso, os campos de estágios nos dão subsídios para pesquisas pois o presente trabalho traz consigo uma grande bagagem experienciada no campo dos estágios.

Sarmento, Rocha e Paniago (2019) nos informam que,

O Estágio, segundo a literatura científica da área de formação de professores, constitui um momento fecundo para a construção da identidade e para os saberes e práticas da docência. É no encontro com as diversas situações do cotidiano da escola, seja em sala de aula, seja no diálogo com os professores e/ou participação nas atividades de planejamento, reuniões, oficinas, que os estagiários vão construindo a sua identidade docente bem como aprendizagens que serão mobilizadas enquanto futuros professores. Estas aprendizagens perspectivam-se em práticas formativas que fomentam a reflexão, o questionamento e a investigação com vistas a estudar, analisar, problematizar, enfim, a desenvolver projetos de intervenção envolvendo as relações e práticas heterogêneas do contexto escolar da educação básica. SARMENTO, ROCHA, PANIAGO, (2019, p 153).

Diante desse cenário confesso que fiquei apreensiva, desafiada e curiosa, logo após esse processo, ficaram uma frustração e preocupação com relação às estratégias de substituir ou amenizar esse impacto tanto na minha formação, quanto no campo de estágio, entendendo que passar essa etapa de forma remota também contribuiria de alguma forma com o processo de ensino e aprendizagem na minha formação, com contribuições significativas para desenvolvimento da minha pesquisa e escrita monográfica mesmo sendo desafiador.

2.3 – Surpresa na Caminhada

Durante o semestre 2020.2 uma das professoras responsável pelo Componente Curricular Gestão do Trabalho Pedagógico em Ambientes Não Escolares (estagio supervisionado) a docente Dr^a. Andreia Barbosa dos Santos trazia sempre na sua fala muito enfática a preocupação expressando sempre “SE CUIDEM! A PANDEMIA NÃO ACABOU! O VÍRUS NÃO FOI EMBORA! ELE ESTA AÍ!”, verdade que era constatada dia após dia onde tudo estava sendo flexibilizado pressionado pela burguesia elitista com um discurso que “O BRASIL JÁ TEM VACINA PARA O POVO”, vacina essa tão sonhada e esperada que esbarrava nas burocracias negacionistas genocidas, disfarçadas de preocupação com a saúde da sociedade brasileira.

Enquanto isso, uma nova onda da pandemia se alastrava adoecendo as pessoas fazendo novas vítimas fatais, entre elas estava meu paizinho que no dia 10 de novembro de 2021 resistente a vacina, vítima das Fake News e infectado pela Covid-19, partiu sem ao menos se despedir. Esse foi o golpe mais duro que a vida me deu, onde precisei me refazer.

Mas como a vida é carregada de surpresas, nesse percurso em meio a tantas dificuldades, momentos muito difíceis, perdi o chão, mas precisava reunir forças para ajudar minha mãe que

também estava infectada e seguir com minhas obrigações e responsabilidades que não são poucas. Então entrou em cena Dr^a. Andréia Barbosa professora ser humano imperfeito, mas com uma sensibilidade aguçada demonstrando cuidado e carinho mesmo não sendo a sua função enquanto profissional, fazendo a diferença na minha vida enquanto estudante da disciplina.

Mãe solteira e profissional esgotada, no limite das minhas forças, descobri que não sou super heroína e sim um ser humano limitado. Nunca pensei que uma professora pudesse estender a mão, mesmo à distância, sem saber a fundo da real situação então exclamou: “Você é forte! Vamos, vai passar, estamos aqui para te apoiar. Para! Respira! E recomeça, pois, isso são fases da vida!”, isso me fez ter a certeza quanto a minha profissão, lecionar assim sendo humana antes de ser docente.

Sabendo que a vida não para mesmo com os obstáculos no decorrer da caminhada, sem mencionar as quedas que deixam marcas e feridas que demoram a cicatrizar, precisei juntar os pedaços que ainda restam e seguir se reconstruindo constantemente. É um momento bastante delicado para todos nós, como foi dito pela professora Andréia em uma de suas aulas “estamos convivendo com a morte diariamente, temos que encontrar forças para prosseguir”.

Tenho certeza que sairei por hora da academia com uma outra visão de mundo, e o desejo de continuar lutando e buscando uma educação de qualidade para todos, pois as referências das professoras que tive, me levaram a acreditar que somos capazes sim de desenvolver as nossas vocações e habilidades apoiando uns nos outros.

E como disse o nosso mestre Paulo Freire,

“É preciso ter esperança, do verbo esperançar. Porque tem gente que tem esperança, do verbo esperar Esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar. Esperançar é ir atrás. Esperançar é não desistir. Esperançar é levar a diante. Esperançar é juntar-se com os outros, pra fazer de outro jeito. (FREIRE, 1992, s. p.).

Assim, estou tentando fazer dando continuidade ao semestre mesmo optando por mais uma vez dar uma pausa na escrita da monografia, deixando claro que a esperança permitiu a reflexão que levou a desacelerar, juntar forças para levantar e seguir para fazer de um jeito novo, por mais que tenhamos de caminhar com muitas dúvidas e incertezas que mesmo assim nos traz experiências significativas que nos permitem recomeçar.

Ao finalizar o semestre 2020.1 organizei para passar as férias na fazenda para concluir a pesquisa já que teria um período de férias, mas como não temos domínio do futuro, em meio

aos preparativos da viagem um grande temporal assolou o sul da Bahia alagando muitas cidades inclusive a fazenda, deixando cidades e rodovias intransitáveis então tive que adiar a viagem por alguns dias, foi a solução sendo possível só viajar em janeiro de 2022, o que permitiu concluir a parte inicial da pesquisa fazendo mudanças diante do cenário atual, outrora o das enchentes fazer de outro forma, jeito esse a desempenhar a troca de saber entre alfabetizando e alfabetizado.

2.4 – Oportunidades em Meio ao Caos

A medida que os dias se passavam fui me adaptando a vida pacata do campo, muito reservada e observadora que sou comecei a perceber algo que chamou minha atenção, como minha família é numerosa, muitos se encontram distantes fisicamente devido aos anseios por melhorias educacionais e econômicas.

Tendo como consequência a migração para a zona urbana que resulta em distanciamento físico, estamos sempre em contato através das redes sociais, então criamos um grupo via WhatsApp da família, intitulado “Cabaré da resenha”, onde geralmente era feito a maior parte de nossos contatos, com certa frequência fazíamos chamadas coletivas, logo comecei a perceber que dois membros da família não interagem quando a comunicação era feita de forma escrita, percebia em seu semblante que algo a incomodava excluindo-se com frequência de alguns bate papos então intensifiquei a minha observação a tudo e todos a minha volta.

Ao descobrir que dois familiares não tinham domínio da leitura e escrita a comunicação no aparelho celular resumia-se a mensagens oralizadas, quando recebiam uma mensagem de forma escrita se irritavam, mas não verbalizavam o motivo de sua irritação que estava atrelado a sua condição de não leitor, para que dessa forma deixassem claro que sua comunicação era restrita a oralidade.

Sua relação e habilidade com aparelho de celular me intrigava. Contudo, continuei a observá-los que de forma frequente se excluía das reuniões de família, amigos e convívio da social com a desculpa que estavam cansados, indispostos, pois se sentiam culpados e inferiores por não ter habilidade com os assuntos pertinentes ao cotidiano.

Durante esse período de observação a inquietude tomava conta do meu ser levando a questionamentos enquanto ser humano diante da minha formação em andamento como pedagoga, questionei-me com relação a minha visão de mundo e pensar para além dos muros

da escola e universidade, para além disso, me questionava acerca dos processos de ensino e aprendizagem dos cidadãos e promotores de interações sociais.

Além dessas questões, os incômodos sobre o por que as pessoas não tiveram o direito de aprender a ler e escrever na infância e quais processos as fazem tomar pra si a culpa por não ter aprendido me atravessaram, a ponto de refletir como pessoa alfabetizada e construtora de conhecimento que pode contribuir para que outras pessoas pudessem ter acesso a esse mundo letrado e começar a trilhar o caminho fazendo parte do mesmo, se sentindo pertencente a ele como de fato é.

Estando inserida nesse contexto e entendendo que o “bom professor” é aquele que pesquisa, que reflete, mas sobretudo precisa ter uma visão aguçada atrelada a sensibilidade que lhe permite observar detalhes reconhecer e pôr em prática o seu poder enquanto formador de cidadãos sendo a observação ferramenta de fundamental importância par um planejamento que oportuniza o conhecimento e interação com o meio.

Aragão e Silva (2012, p. 50) entendem que a “observação se constitui de uma ação fundamental para análise e compreensão das relações que os sujeitos sociais estabelecem entre si e com o meio em que vivem”. Conceituando a observação, Foulquié (apud Aragão e Silva, 2012, p. 52) considera que “observar tem o mesmo sentido de conservar-se diante do observado, considerar atentamente uma coisa a fim de conhecê-la melhor”.

Este primeiro contato com o meio permite ao futuro professor relacionar aquilo que se aprende na universidade, o teórico, com a prática no campo de trabalho realizando essa leitura da realidade do local onde as atividades vão ser realizadas é essencial para a formação de um professor reflexivo, pois permite que durante a formação construa-se uma compreensão da pluralidade que existe na escola e fora dela.

Neste sentido, Freire ao atribuir a observação ao ato pedagógico analisa que:

Observar uma situação pedagógica é olhá-la, fitá-la, mirá-la, admirá-la, para ser iluminado por ela. Observar uma situação pedagógica não é vigiá-la, mas sim fazer vigília por ela, isto é, estar e permanecer acordado por ela na cumplicidade pedagógica. Freire (1992, p.14)

Em vista que a observação em andamento precisava casar com o pedagógico passei a pensar em estratégias para contribuir com o processo de alfabetização dos educandos procurando a melhor forma de intervir, pois a alfabetização é parte integrante de suma importância no processo de construção do saber na vida do indivíduo sendo um ponto de partida para uma educação emancipadora sendo que,

Conhecimento básico, necessário a todos num mundo em transformação; em sentido amplo, é um direito humano fundamental. Em toda a sociedade, a alfabetização é uma habilidade primordial em si mesma e um dos pilares para o desenvolvimento de outras habilidades. (...) a Alfabetização tem também o papel de promover a participação em atividades sociais, econômicas, políticas e culturais, além de ser requisito básico para a educação continuada durante a vida UNESCO, (1999, p. 23).

De acordo com Freire e Macedo (1990, p. 17) a “Alfabetização significa adquirir língua escrita através de um processo de construção do conhecimento, dentro de um contexto discursivo de interlocuções e interação, com uma visão crítica da realidade”.

A alfabetização é um processo de aquisição individual de habilidades requeridas para o uso da leitura e da escrita nas sociedades em que isso se faça necessário. Ou seja, aprender a ler e escrever são inserir-se no uso da escrita e da leitura para o desfrute de uma maior liberdade nas sociedades que funcionam mediadas por materiais escritos. SILVA, (2004, p. 316).

Segundo Soares (1999, p. 17) “alfabetizar é fornecer condições para que as pessoas tenham acesso ao mundo da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, mas, sobretudo, de fazer uso adequado da escrita em todas as funções em que ela tem em nossa sociedade”.

Indo ao encontro de alguns autores e teorias vivenciadas que auxiliaram no desenvolvimento de estratégias interventivas procurando não ser invasiva, já que os alunos tinham vergonha e resistência rotulando-se com o discurso que “eu sou um zero à esquerda”, “sem serventia”, “só sirvo para trabalhar na roça”, “não tenho mais idade pra estudar” se declarando “velho demais pra aprender”, dando a entender que adentrar em uma sala de aula estava fora de cogitação.

Nesse sentido, a UNESCO coloca a alfabetização sendo primordial para as pessoas e como esse processo implica nas mudanças não somente individuais, mas sociais e interferem diretamente na sociedade. Mas, segundo Ferreiro (1995), [...] A escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade que cumpre diversas funções e tem meios concretos de existência.

Continuei observando a situação, associando ao estudo de como intervir naquele contexto, sendo necessário ganhar a confiança dos alunos que ainda se encontravam relutância, verbalizando incapacidade, idade avançada, falta de habilidade pra os estudos, além de sentimentos de burrice.

Um belo dia peguei meu computador para assistir aula do componente curricular GCFP Psicologia da Aprendizagem e Desenvolvimento com Sabrina Gomes docente da Universidade

Federal do Recôncavo da Bahia, mas não imaginava que Paulo e Rita membros da minha família e colaboradores da pesquisa estivessem em casa. Era um dia chuvoso, não tinha condições de trabalhar na roça, ao abrir a plataforma de estudos entrei na sala virtual, mas o sinal da internet estava muito ruim, deixei o notebook carregando a página a ser acessada, ou seja, tentando conectar e fui até a cozinha pegar um café.

Quando voltei fui surpreendida com Paulo e Rita afrente do computador com os olhos vidrados. Eles estavam atentos com os olhos brilhando encantados ouvindo a professora Sabrina, convidei-os para participar da aula de forma intencional, tentando ganhar confiança, oportunidade ímpar para conversar e expor minhas ideias e intenções.

No decorrer da aula fui dialogando sobre a possibilidade de aprender coisas que se aprende na escola como ler e escrever em outros lugares como a nossa casa, sendo que o processo de ensino e aprendizagem ocorre durante toda a nossa vida e nunca é tarde para aprender. Repetia que aprendemos de várias formas, no entanto não obtive muito êxito, pois eles foram relutantes deixando transparecer que aquela situação não era confortável para eles.

Então mudei de assunto relatando um fato que aconteceu comigo sobre a minha baixa autoestima, e vergonha que assolava minha vida por ser uma pessoa muito tímido assunto estratégico com intenção de ouvir a opinião deles a respeito do assunto e não demoro muito tempo eles começaram a relatar sobre os mesmos sentimentos atribuídos pelo fato de serem pessoas não alfabetizadas, admitindo que tinha um desejo muito grande de minimamente saber rabiscar seu nome.

Aproveitei a ocasião para fazer a proposta de intervenção através do processo de alfabetização trazendo a oportunidade de conhecer as letras e aprender a escrever seus nomes através do processo de alfabetização sem precisar ir para escola, enquanto durasse minha estadia na fazenda sendo a professora deles e usaria os conhecimentos adquiridos ao longo da minha trajetória educacional para alfabetiza-los associando ao contexto social no qual estávamos inseridos, tentando de alguma forma mudar a realidade, ampliando assim sua visão de mundo, diante mão a proposta foi acolhida, mas foi imposta uma condição por parte dos colaboradores, não era permitido que outras pessoa tivesse conhecimento desse processo pois tinham receio dos comentários e opiniões da sociedade.

3. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DIREITO DO POVO, DEVER DO ESTADO.

Atualmente, pensar em alfabetização de jovens adultos e idosos (EJAI) no Brasil temos que problematizar e levar em consideração os dados do (IBGE) sobre a taxa de analfabetismo da população acima de 15 anos de idade, que ultrapassa os 11 milhões de sujeitos analfabetos incluindo os analfabetos funcionais. Sendo aquelas pessoas que conseguem apenas localizar informações em textos curtos e realizar operações simples de matemática, tendo cursado somente os anos iniciais do Ensino Fundamental, ou seja, têm menos de cinco anos de estudos completos, segundo o INEP (HADDAD e SIQUEIRA, 2015).

O que se compreende por alfabetização não é mais o que se compreendia no início do século XX, onde bastava que se assinasse o próprio nome para que uma pessoa fosse considerada alfabetizada. E também não é a alfabetização das décadas de 1980 e 1990, na qual bastava que se escrevesse um bilhete simples para que o cidadão fosse alfabetizado. Até hoje esse critério ainda é considerado relevante, além dos anos de escolaridade cursados com certificação (GALVÃO e DI PIERRO, 2007).

A alfabetização, em uma compreensão atual, vai muito além da codificação e da decodificação como produto de aquisição da leitura e da escrita. A alfabetização é vista como um processo e não um produto (SOARES, 2004; COSTA e OLIVEIRA, 2011).

Um processo de elaboração do sistema de escrita alfabética, que não se resume a reconhecer letras e sons, mas implica em conhecer o funcionamento da língua em todas as suas dimensões, ler e compreender o que se lê; e organizar as ideias por meio da escrita, com todas as suas convenções, adequando sua escrita à situação de comunicação e aos critérios estabelecidos. (SPALA, MACHADO e LOPES, 2018).

Esse processo necessita estabelecer conexão com processos formativos diversos, para o desenvolvimento comunitário, a formação política, a geração de emprego e renda, entre outras questões. Por isso, não basta “dominar” o código da escrita, pois um dos principais objetivos da alfabetização na EJA é que as pessoas tenham a possibilidade de transitar com familiaridade entre as diversas práticas sociais de uso da linguagem e em diferentes instituições.

Aqui se compreende a alfabetização em um sentido ampliado, que não se resume à leitura e à escrita, ou seja, a um treino de habilidades, mas aos usos sociais da leitura e escrita, como práticas de letramento, em diálogo com as motivações trazidas pelos educandos ao contexto de aprendizagem. (VÓVIA, 2019).

A Educação de Jovens, Adultos e Idosos é uma modalidade de ensino da Educação Básica nos níveis fundamental e médio, com características próprias (modelo pedagógico, currículo, material didático, tempos, espaços, processos avaliativos próprios) e funções definidas que objetivam o alcance de um direito negado historicamente, além de igualdade de acesso, condições de permanência e aprendizagens significativas na escola, de jovens, adultos e idosos, com trajetórias escolares prévias ou não. Ela também compreende o que se denomina aprendizagem ao longo da vida, no contexto da educação continuada, no sentido da garantia do direito de todos à educação.

A Educação de Jovens e Adultos tem uma função crucial na perspectiva de combate à exclusão social. A educação não é a redentora dos problemas sociais, mas como já dizia Freire (2000, p. 67) “se a educação sozinha, não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.

Para a Educação de Jovens e Adultos, a alfabetização desses alunos é entendida como o início e uma etapa de educação ao longo da vida, uma vez que, somos seres inacabados, segundo Paulo Freire. Sabemos que alfabetizar é uma parte fundamental da EJA, mas não é a única e nem a principal função desta modalidade, pois entende-se que o ato de ler vai além das palavras, a modo de uma leitura de mundo,

[...] desde muito pequeno aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Por isso, antes mesmo de aprender a ler e escrever palavras e frases, já estamos “lendo”, bem ou mal, o mundo que nos cerca. Mas este conhecimento que ganhamos de nossa prática não basta ir além dele. Precisamos conhecer melhor as coisas que já conhecemos e conhecer outras que ainda não conhecemos. (FREIRE, 1993, p.71).

A EJA está comprometida com erradicação do analfabetismo e desigualdades sociais onde muitos que estão inseridos nessa condição se sentem culpados, excluídos e marginalizados. Isso leva a um aprisionamento psicológico atrelado à falta de conhecimento com relação a seus direitos educacionais enquanto cidadão.

Muitas vezes, as pessoas na condição de analfabeto, se excluem do convívio social por vergonha, medo, insegurança, entre outros sentimentos provocados e alimentados por uma sociedade excludente que alimenta a ideia de que analfabeto não tem direito, só tem deveres, quando na verdade a culpa pelo insucesso escolar seria a reunião de vários fatores determinantes levando o aluno a não frequentar a escola, ou melhor, nunca ter feito parte dela diante dos variados contextos histórico de vida que dificultam e limitam a sua entrada nesse processo tomando pra si uma culpa que não lhe pertence.

A educação para a cidadania, são dois aspectos: direito e cidadania, são direitos imprescindíveis à condição humana, são consequências, sejam elas positivas ou negativas, e são entendidas como o reflexo social de um povo e de um país, ou seja, quanto maior o grau de instrução e de conhecimento de uma população, maior é a visão crítica em relação ao mundo, e conseqüentemente melhor será (ou pelo menos se luta pra isso) o acesso à saúde pública, à habitação, saneamento básico, à alimentação e educação.

Que também,

É fundada nos valores da democracia, da participação, da equidade e solidariedade social, a EJA deve permitir aos educandos mudar a qualidade de sua intervenção na realidade. Seu objetivo primeiro é, pois, a construção de novas formas de participação e de exercícios pleno e consciente dos direitos da cidadania. A formação para o trabalho, entendida como uma das dimensões da educação continuada de jovens e adultos, deve articular-se à educação geral e atender aos fins da educação nacional. PAIVA; MACHADO; IRELAND, (2007, p. 27).

3.1 – Sujeitos da EJAI

A LDB N. 9394/96, em conformidade com a Constituição Federal de 1988, expressa em seu artigo 37 um primeiro demarcador para situar quem seriam os sujeitos que compõem as classes de EJA: Art. 37,

A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento de para a educação e a aprendizagem ao longo da vida. § 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. (Brasil, 1996)

Mas o grande desafio atual é a Política Nacional de Alfabetização PNA (BRASIL, 2019), do governo Bolsonaro, implementada em abril de 2019, que marca a proposta deste governo invisibiliza a educação e a alfabetização de jovens e adultos através do documento, de 54 páginas, que fala sobre a alfabetização de jovens e adultos em apenas uma página, na qual reduz a EJA somente à dissemelhança com a alfabetização para crianças, sem problematizar o que é a alfabetização nessa modalidade.

A PNA reforça o não lugar da EJA no Ministério da Educação que temos hoje e a ausência de uma política pública que contribua para a reversão do quadro de analfabetismo e baixa escolaridade dos sujeitos com mais de 15 anos de idade. O público da EJAI que além de

sofrer vários preconceitos exclusões ao longo da vida precisam ser visto para além do viés educacional ou tempo de vida pois,

Ao se falar de sujeito tratamos de um ser Humano, aberto a um mundo, portador de desejos, movido por esses desejos, em relação com outros seres humanos (também sujeitos); um ser social que nasce e cresce em uma família (ou em um substituto de família), que ocupa uma posição em um espaço social, que está inscrito em relações sociais; e ainda um ser singular, exemplar único da espécie humana, que tem uma história, e que interpreta o mundo, dá um sentido a esse mundo, à posição que ocupa nele, às relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade. (Charlot, 2001, p. 33, apud Durand et. al., 2011, p. 167).

Partindo dessa premissa, entendemos que os estudantes da EJA, percebidos na dimensão de sujeitos, são constituídos por e nas relações sociais, na vida em sociedade, pela intermediação da cultura, dos valores e crenças que dotam essas relações de significados e sentidos. Inserem-se em um contexto histórico, político e econômico e nele ensaiam suas trajetórias de vida.

Ao mesmo tempo, realizam um movimento próprio para interpretar esse mundo e traduzi-lo a si mesmo, percebendo-se como parte constituinte de um ou de vários grupos. A esse processo de constituir-se a si mesmo e por si mesmo, Charlot chama de educação e o relaciona ao processo de hominização do ser humano - processo pelo qual, partilhamos a condição humana (Charlot, 2000).

Refletir sobre jovens, adultos e idosos que estudam na EJAI nessa perspectiva significa considerá-los para além da dimensão cognitiva a partir da qual são pensados no processo histórico de escolarização. Também, implica em desconstruir uma percepção homogênea sobre quem são os estudantes, ultrapassando-se as categorias abstratas de jovens e adultos para as quais se convencionam características e lugares sociais.

Sendo assim, os estudantes passam a ser compreendidos não pelo que lhes falta quando comparados às representações construídas em torno das categorias abstratas mencionadas anteriormente, mas a partir das situações vivenciadas ao longo da vida que produzem subjetividades, saberes e modos diversos de existência (Oliveira, 1999).

A EJAI enquanto modalidade de ensino com trajetória carregada de desafios, vista como ferramenta alternativa e minimizadora do problema social e erradicação do analfabetismo no país que durante muito tempo não era considerada prioridade educacional, sendo uma forma de política compensatória para suprir a falta de escolaridade em idade própria. Identificada como,

[...] a educação dos “carentes, marginalizados e excluídos”, as propostas de EJA assimilaram por muito tempo o papel de “educação mínima” direcionada àqueles com

“possibilidades também precárias de desenvolvimento e aprendizagem”. A superação dos preconceitos e o reconhecimento dos jovens e adultos pouco escolarizados como sujeitos de aprendizagem, produtores e disseminadores de conhecimentos é um ponto de partida importante para avançarmos em direção a uma EJA adequada às demandas específicas de articulação e construção de novos saberes significativos para educadores e educandos, demandas estas que se expandem para a satisfação de necessidades básicas (e não mínimas) de aprendizagem; básicas porque consideram as especificidades dos grupos, a diversidade de experiências dos indivíduos e dos coletivos (FUNDAÇÃO VALE 2014, p.14).

3.2 – Dívida Educacional

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I - Ensino fundamental, obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria;

A EJAI ultrapassa uma modalidade de ensino sendo uma política educacional e social que promove a escolarização viabiliza oportunidades de trabalho qualidade de vida dignidade humana permitindo a ultrapassagem de barreiras que o analfabetismo impõe;

Logo,

“Não se pode separar o direito à escolarização, dos direitos humanos”, [...] Os “jovens-adultos”, mesmo que tenham estacionado o processo de escolarização, não “paralisam” os “processos de sua formação mental, ética, identitária, cultural, social e política”. [...] preciso um olhar mais positivo, reconhecendo que os sujeitos da EJAI, “protagonizam trajetórias de humanização”, participando em lutas sociais pela garantia de seus direitos. (ARROYO 2005: p.24-25).

Atrelado ao respeito revelando o potencial da educação compensatória uma das finalidades que essa modalidade de ensino possui diante de uma dívida histórica do governa perante essa sociedade, ou seja:

[...] Uma dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso a e nem domínio da escrita e leitura como bens sociais na escola ou fora dela [...] em que a ausência de escolarização não pode e nem deve justificar uma visão preconceituosa do analfabeto ou iletrado como inculto [...]. (BRASIL, 2000, p. 5).

Nesse contexto, a Educação de Jovens e Adultos representa uma dívida social pendente para os que não tiveram acesso e nem domínio da escrita e leitura como bens sociais, na escola ou fora dela. (BRASIL, Parecer 2000, p. 05). Para garantir o direito a essas pessoas a

alfabetização, escolarização ampla, profissionalização, assistência social, psíquica etc., que os integrem ao mundo social e produtivo dignamente, (BRASIL, 2009, p. 30). É preciso uma práxis na EJAI que permita a inclusão desses como sujeitos de direitos, cumprindo as determinações do Art. 4º da Declaração Mundial sobre Educação para Todos, quando diz que,

Os grupos excluídos - os pobres: os meninos e meninas de rua ou trabalhadores; as populações das periferias urbanas e zonas rurais os nômades e os trabalhadores migrantes; os povos indígenas; as minorias étnicas, raciais e linguísticas: os refugiados; os deslocados pela guerra; e os povos submetidos a um regime de ocupação – não devem sofrer qualquer tipo de discriminação no acesso às oportunidades educacionais. (UNESCO, 2015, p. 4)

Historicamente, esse déficit educacional e exclusão que assola a mesma camada social não muda é sempre a mesma, pois para a hierarquia é agradável que esses sujeitos continuem vivendo na escuridão educacional e sendo manipulados acessando conhecimentos embutidos de forma intencional, a desinformação e inexistência de criticidade campos favoráveis a manipulação eximem a possibilidade de a classe trabalhadora adquirir os mesmos conhecimentos da burguesia se tornando uma ameaça de ocupação aos lugares de excelência designados para o proletariado.

Segundo ARROYO,

[...] por décadas esses jovens e adultos são os mesmos, pobres, oprimidos, excluídos, vulneráveis, negros, das periferias e dos campos. Os coletivos sociais e culturais a que pertencem são os mesmos”, isso se é um determinante presente na “história da sua educação do que a indefinição, imprevisão e diversidade de atores, de ações, espaços e intervenções. (ARROYO, 2005, p.33).

4. DESAFIO LANÇADO, DESAFIO ACEITO: TRAJETÓRIAS DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA FAZENDA JUVENTINA.

Lancei o desafio de alfabetização de adultos no contexto familiar no mês de abril de 2020 e aceito pelos alunos e colaboradores Paulo e Rita, entendendo que ensinar é uma especificidade humana e comungando das palavras de Paulo Freire (1996, p. 36), “Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de apreender.”

Nesse contexto, o educador deve se lançar nesta aventura criadora, que vai além do que simplesmente ensinar, repetir e cumprir uma série de conteúdos pré-estabelecidos; portanto, é necessária a participação verdadeira de ambos no processo.

Assim, aprender torna-se mais do que ouvir e assimilar; consiste em sair da domesticação e partir para um processo de emancipação, onde as experiências e vivências do discente devem ser evidenciadas, para a construção autêntica do conhecimento que é uma especificidade humana. Ensinar e aprender são formas de interações próprias do ser humano e umas das formas mais inequívocas de intervenção no mundo.

Tomando posse da verdade descrita acima debruçei sobre o computador a procura de materiais que pudessem nortear o meu trabalho interventivo no campo de pesquisa, mas pouca coisa encontrei, então fizemos um primeiro encontro de forma presencial sendo um bate papo para sondar sobre seus conhecimentos prévios, conhecer melhor as realidades e anseios sociais e educacionais, dando início ao planejamento do projeto que teria uma duração de dois anos, deixando claro a minha intenção de realizar atividades pedagógicas para auxiliar no processo de alfabetização realizado a princípio de forma presencial tendo em vista o cenário pandêmico.

No decorrer da conversa, percebi que Rita não estava interagindo então, propôs que expusesse de forma livre através de gestos, mímica desenho... algum sentimento, emoção vontade... dessa forma entreguei folha de papel em branco lápis de cor, tinta, giz de cera... logo depois a educanda começou fazer umas expressões de dúvida em seguida debruçou sobre a mesa e começou a construir um desenho, no processo de construção ela desenhou um ponto de interrogação questionando a professora e disse: Rita – *Professora a senhora que conhece as letras e números e é entendida dessas coisa qual o nome desse negócio aqui e usa onde?* (Rita aponta para o sinal de interrogação escrito no desenho)

Apontando pra o sinal de interrogação, logo expliquei que era um ponto de interrogação utilizado pra fazer perguntas Rita – *Ah, então é isso mesmo!* Em seguida abaixou a cabeça e continuou a produção alguns minutos se passaram e voltamos a conversar quando ele apresentou essa imagem abaixo, e solicitou que fosse colocado a palavra “atividade” na arte que foi construída, então logo escrevi a palavra atividade na parte superior do desenho descrito abaixo.

Figura 2 – Atividade Rita



Fonte: Acervo de imagens registradas pela pesquisadora, durante o processo de pesquisa, 2021.

Ao mostrar sua criação logo percebi sua habilidade com desenhos uma área a ser explorada, mas fiquei curiosa pra entender o significado do desenho , então aguardei um determinado tempo pra Rita explicar o que ela estava tentando expressar através da imagem, mais isso não aconteceu, Rita pegou seu desenho e guardou então elogiei o trabalho explicando que a aluna tem muita habilidade com desenhos sendo uma verdadeira artista e ela sorriu dano a entender que gostou muito, então questionei: – Rita explica o que significa o seu desenho, porquê o ponto de interrogação? Ela então respondeu. – *Por que minha cabeça só tem esse ponto o resto é vazio, não sei nada e como vou aprender? Atividade pra mim é trabalho só o que sei fazer! Será que a senhora vai aguentar nossa burrice? Sei não viu!*

Confesso que fiquei comovida, foi muito duro ouvir essas palavras, mas lancei o desafio de segurarmos um na mão do outro e seguir com a proposta de auxiliá-los no processo de alfabetização, pois tinha certeza que dentro da cabeça da aluna teria muito mais do que um ponto de exclamação, que seria evidenciado ao longo da caminhada por isso essa resposta viria com o passar do tempo.

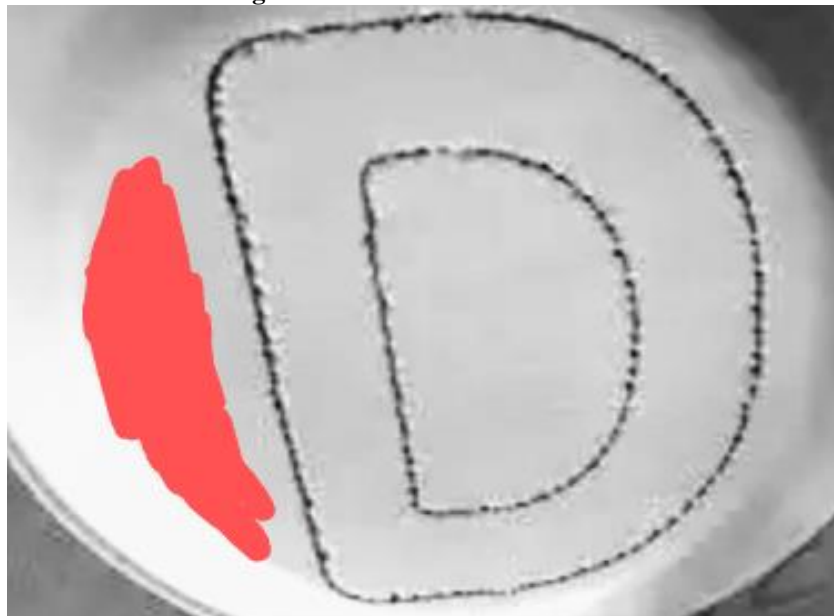
Seguindo com o planejamento trouxe o alfabeto para explicar sua composição de forma bem resumida focando nas vogais de diferentes formas tais como: escrita no papel, na tela do computador solicitei pra identificarem as vogais facilitando assim o entendimento mostrando para eles as letras seja ela escrita ou digitadas explicando que são representadas de várias formas trazendo como atividade as vogais tracejadas.

Já na cartolina representei as vogais juntas e separadas possibilitando recorte e alternando com a pronuncia e quantidades de letras associando ao fonemas, no dia seguinte trouxe nomes de familiares com letras de tamanhos diferentes solicitando a identificação das vogais nos respectivos nomes, fazendo menção a leitura e a quantidades de letras alternei a aula com a pintura por meio de giz de cera, solicitando que pintassem apenas as vogais de cada nome.

As letras estavam representadas de formas diferentes logo surgiram as dúvidas e questionamentos sobre as letras estarem diferentes algo positivo por sinal foi uma noite muito divertida, estavam descontraídos, sorridentes queriam pintar outras coisas. Exclamou Paulo – *Pensei que jamais iria fazer esse tipo de coisa estou mim sentindo diferente quero mais coisas desse tipo!*

Em outro momento entreguei uma atividade tracejada com imagens de círculos triângulos, luas, torres, cercas, árvores ferraduras, enxadas imagens relacionadas as vivências diárias nomes e letras solicitando que seguissem o tracejado com auxílio de uma caneta para que fizessem o contorno com sucessivos furos para explorar a coordenação motora.

Figura 3 – Atividade Paulo



Fonte: Acervo de imagens registradas pela pesquisadora, durante o processo de pesquisa, 2021.

Na aula seguinte preparei uma atividade de escrita das vogais solicitando a reprodução com auxílio da caneta, ao depara com essa atividade veio o conflito relatando a dificuldade da tarefa, logo suscitou o desejo de desistência, diante desse pensamento verbalizado, antecipei o lanche chegando na cozinha conforme o planejamento da noite lancei mão da caixa de fósforo e montei algumas letras através dos palitos para descontraí-los pois o desânimo tinha tomado conta dos alunos, embaralhamos os palitos e construímos outras letras trazendo um novo ânimo feito isso encerramos a aula.

No dia posterior apresentei um quadro branco e pilotos para treinar a escrita, deixando claro que seria um presente e usaríamos nas próximas aulas, foi uma alegria, pois para eles quadro só existia na escola e piloto era uma novidade.

Então o Paulo questionou: – *Mas escrever no quadro precisa de giz professora? De qual escola você trouxe esse quadro professora?* Expliquei que aquele tipo de quadro encontramos em papelaria não sendo exclusividade da escola pois a escrita se daria com auxílio de um piloto deixando claro que não se utilizavam, mas aquele giz branco para escrever então a atenção estava toda voltada a manipulação do quadro deixando-os livres para desenvolver a sua imaginação.

Seguindo com o planejado levamos o quadro para a parte externa da casa local preparado para próxima atividade ainda explorando a coordenação motora, sendo um retângulo construído com galhos de plantas alinhados preenchido com areia para exercitar a escrita com auxílio dos dedos e depois com um pedaço de cipó, permitindo que usassem aquele determinado espaço de forma livre.

Então fizeram traços, as vogais A, E, U, I números 3,4,8,9,1 triângulos círculos e algumas consoantes, a, p, P,L T questionados o porquê dessas letras Rita respondeu: – *Professora Tem coisas escritas com essas letras diferentes!*, surpreendida logo expliquei sobre a composição do alfabeto destacando em maiúsculas e minúsculas, vogais e consoantes, deixando claro que os conteúdos seriam introduzidos aos poucos.

Ao escrever as sílabas “pa” e “PA” solicitei que eles reproduzissem e em seguida eu escrevi “pau” e “Paulo” na primeira e segunda tentativa de reprodução foi frustrada, verbalizando o não saber e dificuldade, mas Paulo percebendo que as letras eram iguais e representadas de formas diferentes logo veio a exclamação, – *Por que pau o p é pequeno e Paulo o P é grande?* Encantada com as observações feitas pelos alunos, segurava a emoção, pois era perceptível os avanços que norteavam os próximos passos, seguindo e explicando de

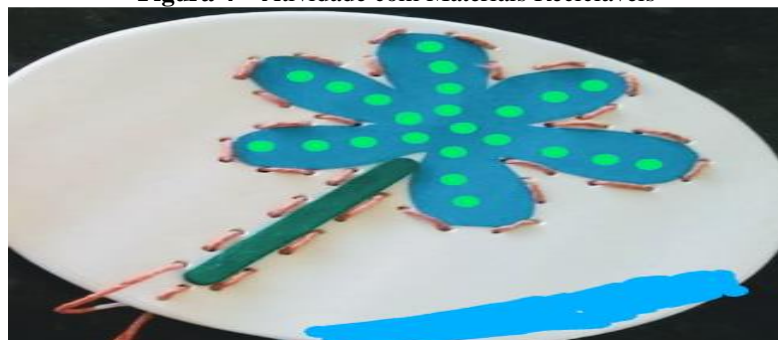
forma bem sucinta, facilitando assim a assimilação do conteúdo de forma a refletir na fonética, aperfeiçoada na escrita.

Dando continuidade, fizemos a junção de letras dando origem as sílabas mostrando para eles como era formados os nomes e palavras intercalando com letras de forma e cursiva que tiveram um pouco mais de dificuldades com relação a escrita. Feito isso, em outro momento intercalei a escrita de palavras cotidianas na areia transpondo no quadro ficando a observá-los com intenção de avaliá-los, interessante que eles se corrigiam Rita muito esperta retrucou: – *Oxe! Paulo é nome de pessoa por isso é escrito com o P grande!* Isso faz dos educandos os protagonistas da própria aprendizagem.

Na segunda fase, que perdurou seis meses, sabendo que as dificuldades aumentariam à medida que iríamos avançando, trouxe um vídeo (entrevista de Maria Lindalva) para realizarmos uma atividade reflexiva fazendo um bate papo posterior com o intuito de mostrar situações, relatos de superação de pessoas com menos instruções com dificuldades e situações estruturais extremamente complexas, maiores que a deles, evitando a desistência e fazendo com que eles avançassem e continuassem os estudos, mostrando que estavam em condição confortável tendo em vista a realidade da dona Lindalva, no decorrer do vídeo acompanhava as expressões corporais e faciais sendo perceptível o impacto da atividade.

Após essa etapa passei a fazer junção das letras formando sílabas através do aparelho eletrônico Tablet com teclado toque de tela (virtual) e físico (manual) transpondo para o quadro e papel as palavras formadas além disso criei um grupo via WhatsApp para nossa comunicação onde era proibida a comunicação via mensagem oralizada a princípio, fazíamos as saudações depois avançamos para escrita de palavras e transcritas no papel de forma a aperfeiçoar a leitura e escrita, a correção era feita via chamada de vídeo lançando mão de vários recursos tentando diversificar esse processo de aprendizagem evitando frustrações e motivando para seguirmos avançando de forma divertida, prazerosa e estimuladora.

Figura 4 – Atividade com Materiais Recicláveis



Fonte: Acervo de imagens registradas pela pesquisadora, durante o processo de pesquisa, 2021.

Passado esse tempo que perdurou seis meses, elaborei uma atividade (em anexo) para saber como está o grau de aprendizagem para dessa forma avançar, acabei percebendo que as vogais e parte do alfabeto eles já conseguiam identificar com facilidade, assim como algumas sílabas e palavras com quatro letras.

Passei então a elaborar palavras com mais letras e associar aos números para que dessa forma entendessem que os números também eram apresentados de forma escrita assim como nomes de cidades, ferramentas de trabalho espécies de plantas, animais, frutas, legumes entre outros produtos do cotidiano rural associando com coisas externas aumentando de forma gradativa a grau de dificuldade exigindo um pouco mais de raciocínio.

Então começaram as reclamações verbalizando incapacidade e vontade de desistência por parte dos alunos. Diante disso, trouxe o curta metragem “A Vida de Maria” questionando-os quais os impedimentos que estavam fazendo com que eles desistissem, pois Maria não estudava por que sua família achava que o estudo era inútil, então não permitiam que a garota estudasse e vocês o que os impede de estudar? Essa pergunta tinha intenção de conscientizar que algumas barreiras e dificuldades estavam sendo impostas por eles.

Lançando mão de desenhos desenvolvidos pelos educandos, habilidade descoberta ao longo do processo, que aliás encantavam a professora, precisei confrontá-los para mostrar o quanto eram inteligentes e capazes de seguir, pois eu estava diante de pessoas talentosas, seres fortes destemidos, capazes de realizar muito mais. Deixando claro seu potencial, argumentando que não era hora de pensar em desistir, mas de avançar, sendo necessário quebrar os grilhões do medo de opiniões sociais que os prendiam e paralisavam.

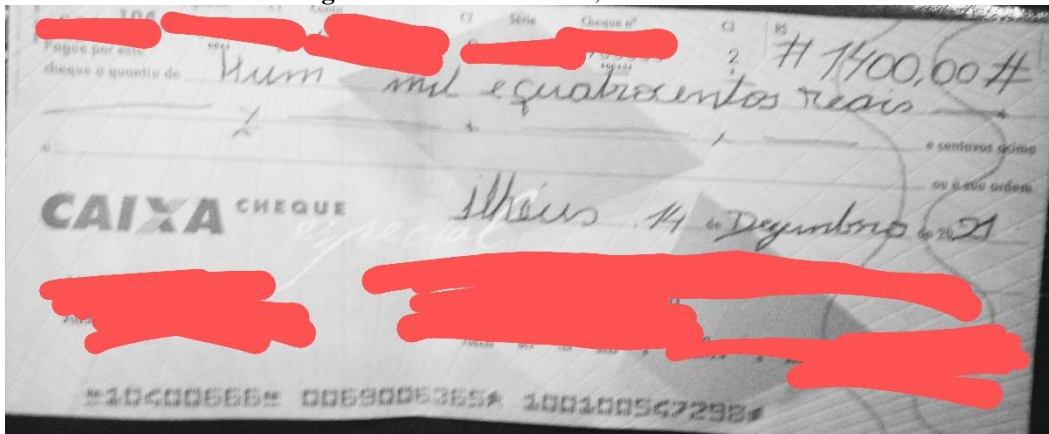
Figura 5 – Atividade Rita “Quem sou Eu?”



Fonte: Acervo de imagens registradas pela pesquisadora, durante o processo de pesquisa, 2021.

Questionando sobre o que desejavam aprender e como aprender, se gostariam de conhecer algum lugar ou coisa, se tinham sonhos eles foram verbalizando algumas coisas tais como: Gostariam de conhecer um museu, viajar de avião conhecer uma rodoviária com grande fluxo de passageiros, passear no centro de uma grande metrópole, nesse diálogo acabei descobrindo que um dos alunos tinha o sonho de preencher um recibo ou cheque, não contive a emoção pois para a comunidade letrada era um sonho.

Figura 6 – Atividade Paulo, Sonho Realizado.



Fonte: Acervo de imagens registradas pela pesquisadora, durante o processo de pesquisa, 2021.

Quando questionados o porquê queriam conhecer uma rodoviária, Rita respondeu – *Queremos ler as letras lumiadas dos ônibus para saber onde ele vai.* deixando claro que queriam ser independentes, e Paulo logo retrucou – *Oxe! professora quando sabemos a leitura a gente não precisa perguntar pra ninguém o que está escrito né verdade?*

Então passei a trabalhar com associação de imagens construídas e dialogadas, pois era perceptível a alegria de Paulo e Rita ao contar sua história carregada de conhecimento, que auxiliava no planejamento das atividades mesmo sem eles perceberem. Ao contar um pouco da sua história Rita desenhou e pintou com tinta guache a imagem abaixo descrita.

Figura 7 – Atividade Rita – Objetos sagrados de sua religião.



Fonte: Acervo de imagens registradas pela pesquisadora, durante o processo de pesquisa, 2021.

Rita mostrou o desenho e disse: – *Isso também faz parte da minha vida!* Então solicitei que Rita explicasse o desenho e logo Rita falou muito desconfiada: – *Esse é um negócio professora que usamos na minha religião eu sou do candomblé nasce e mim criei lá!* Com um tom irônico tremendo os ombros questionou, – *Tem algum problema?* Então respondi: – Não Rita você é livre para ser o que quiser ser e não precisa ter medo de expressar sua fé – *Ah! Professora, mas as pessoas não gostam, acha que sou feiticeira! Por isso fiquei cismada em falar, mas falei! Mas como a senhora mesmo disse eu sou livre né! Não vou ter mais medo de dizer com muito orgulho que sou do candomblé.*

Confesso que não foi fácil panejar, executar e vivenciar essa experiência, porém, muito gratificante. Dessa forma, também entendo que o processo de alfabetizar não é diferente, ainda mais se tratando de adultos, fica mais complexo, pois esse público carrega consigo uma bagagem muito valiosa de experiência de vida que precisa fazer parte desse contexto do processo de ensino/aprendizagem, que na verdade é uma troca de saberes, pois ao trilhar esse caminho aprendo muito mais do que ensino.

Os primeiros capítulos dessa jornada estão aqui descritos, agora é chegada a hora de virar a página e relatar os próximos passos para descrever aqui os resultados obtidos durante essa caminhada de pesquisa.

5. CONCLUSÃO

Diante do exposto busco compartilhar experiências vividas ao desenvolver um projeto interventivo por acreditar que o mesmo poderá contribuir nos discursões de diferentes métodos de ensino da EJAI no contexto informal de educação.

Com isso, apresento diferentes momentos os quais julguei necessários para pesquisa desenvolvida e o processo de ensino/aprendizagem dos sujeitos, que permitiu uma amplitude visual da autora, sendo muito restrita aos muros escolares no que diz respeito a educação de jovens e adultos em espaços informal de educação, levando os alunos a adentrar em um mundo desconhecido, o mundo letrado, ou seja, da leitura e escrita.

Sabemos que não é fácil criar ou adaptar qualquer tipo de atividade com o intuito de chamar ou prender a atenção dos alunos, pois esse público é diversificado composto por indivíduos que possuem pensamentos e conhecimentos diferentes.

Ao escolher os materiais para dar início ao processo já imaginava que os alunos enfrentariam algumas dificuldades, pois a professora tinha conhecimento que os sujeitos eram analfabetos, mas para que tudo ocorresse da melhor maneira possível precisei me aprofundar no contexto social e pedagógico, pré-requisitos que foram necessários para o desenvolvimento do projeto, com isso cada vez que os alunos apresentavam alguma dúvida eu tentava responder, mas de forma que os levassem a pensar em estratégias que os mesmos teriam que seguir para chegar a conclusão esperada.

Se tratando da EJAI sendo uma modalidade de ensino não menos importante mesmo que vivenciada num cenário popular que tratada muita das vezes de forma preconceituosa por se tratar de jovens e adultos que por vários motivos lançaram mão de seus estudos vivendo ancorados as margens de uma sociedade, atrelados ao sentimento paralisantes de culpa que impedem avanços sociais, oprimidos pelo medo vivendo a inexistência mesmo existindo e sendo parte de um mundo dito “de todos” e “pra todos” sendo muito teórico e pouco prático, por falta de conhecimento que impedem esses indivíduos de construir e desenvolver capacidades de superação pra vencer obstáculos e barreiras sociais impostas pela vida.

Percorrer esse caminho cheios de conflitos, mas gratificante, indo ao encontro a sonhos possíveis de serem realizados, levando seres humanos a vencer a paralisia, o medo de caminhar a passos largos para escrever um novo capítulo da sua história, por que antes de falar de educação ou alfabetização precisamos falar de vidas humanas, que lutam consigo e com os

outros para continuar existindo em uma sociedade tão perversa. Espero poder vivenciar outros momentos como esses entre outras intervenções, pois nos ajuda a refletir de que forma iremos nos comportar como docente diante de várias realidades e grandes responsabilidades que teremos para formar cidadãos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em 22 novembro de 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei n. 12.796, de 4 de abril de 2013**. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm>. Acesso em: 22 novembro de 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. PNA: **Política Nacional de Alfabetização**. Brasília: MEC, SEALF, 2019. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf>. Acesso em: 15 de novembro de 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos: Observação e Registro (Caderno 3)**. Brasília, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno3.pdf>. Acesso em: 22 de novembro de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde (BR). **Máscaras caseiras podem ajudar na prevenção contra o Coronavírus** [Internet]. Brasília, DF; 2020 [cited 2020 Apr 3]. Disponível em: <<https://www.gov.br/cgu/pt-br/governo-aberto/noticias/2020/4/mascaras-caseiras-podem-ajudar-na-prevencao-contr-o-coronavirus#:~:text=Al%C3%A9m%20de%20eficiente%2C%20C3%A9%20um,outras%20pessoas%20ao%20seu%20redor>>. Acesso em: 22 de novembro de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde (BR). **Portaria nº 454, de 20 de março de 2020**: declara, em todo o território nacional, o estado de transmissão comunitária do coronavírus (Covid-19). Diário Oficial da União [Internet]. 2020 Dec 20 [cited 2020 Mar 26]; 1:1. Disponível em: <<http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-454-de-20-de-marco-de-2020-249091587>>. Acesso em 22 novembro de 2021.

CHARLOT, Bernard (Org.). **Os Jovens e o Saber: perspectivas mundiais**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHARLOT, Bernard. **Da Relação com o Saber: elementos para uma teoria**. Tradução: Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

FOULQUIÉ, Paul. **Diccionario del Lenguaje Filosófico**. Tradução de César Armando Gómez. Barcelona: Labor S.A, 1967

FREIRE, M. **Observação, Registro, Reflexão: Instrumento Metodológico**. Série Seminários. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo. Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança:** reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HADDAD, Sergio; SIQUEIRA, Filomena. **Analfabetismo entre jovens e adultos no Brasil.** Revista Brasileira de Alfabetização – ABAlf, Vitória, ES, v. 1, n. 2, p. 88-110, jul/dez, 2015. Disponível em: <http://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/81>

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Jovens e Adultos como Sujeitos de Conhecimento e Aprendizagem.** Revista Brasileira de Educação, n. 12, set./out./nov./dez., p. 59-73, 1999.

PAIVA, Jane. **Educação de Jovens e Adultos:** um a memória contemporânea. In Alfabetização e Diversidade (Secad/MEC); MACHADO, Maria Margarida; IRELAND, Timothy (Org.). 1996-2004. Brasília, 2007. Disponível em: <file:///C:/Users/Camila/Downloads/vol11ejaelt.pdf>. Acesso em: 22 de novembro de 2021.

SARMENTO, Teresa; ROCHA, Simone Albuquerque; PANIAGO Rosenilde Nogueira. **Estágio curricular:** o movimento de construção identitária docente em narrativas de formação. Revista Praxis Educacional, Vitória da Conquista - Bahia - Brasil, v. 14, n. 30, p. 152-177, out./dez. 2018. Dóí: <https://doi.org/10.22481/praxis.v14i30.4365>. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/4365/3493>. Acesso em setembro de 2021.

SILVA, Nubelia Moreira da; ARAGÃO, Raimundo Freitas. **A observação como prática pedagógica no ensino de geografia.** Geosaberes, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 50-59, dec. 2012. ISSN 2178-0463. Available at: <http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/174>. Acesso em 22 de novembro de 2021.

UNESCO. **Conferência Internacional de EJA.** Alemanha, Hamburgo, 1999. Disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetaileObraDownload.do?select_action=&co_obra=14433&co_midia=2 >. Acesso em 15 de dezembro de 2021.

VALE, Fundação. **Jovens e Adultos na sala de aula:** sujeitos e aprendizagens na EJA. 2014. Disponível em <https://www.viveraprender.org.br>>. Acesso em 22 de novembro de 2021.

Valente J. **Agência Brasil Covid-19:** governo declara transmissão comunitária em todo o país. [Internet]. 2020Mar20[cited2020Mar21]. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-03/covid-19-governo-declara-transmissaocomunitaria-em-todo-o-pais>. Acesso em 22 de novembro de 2021.

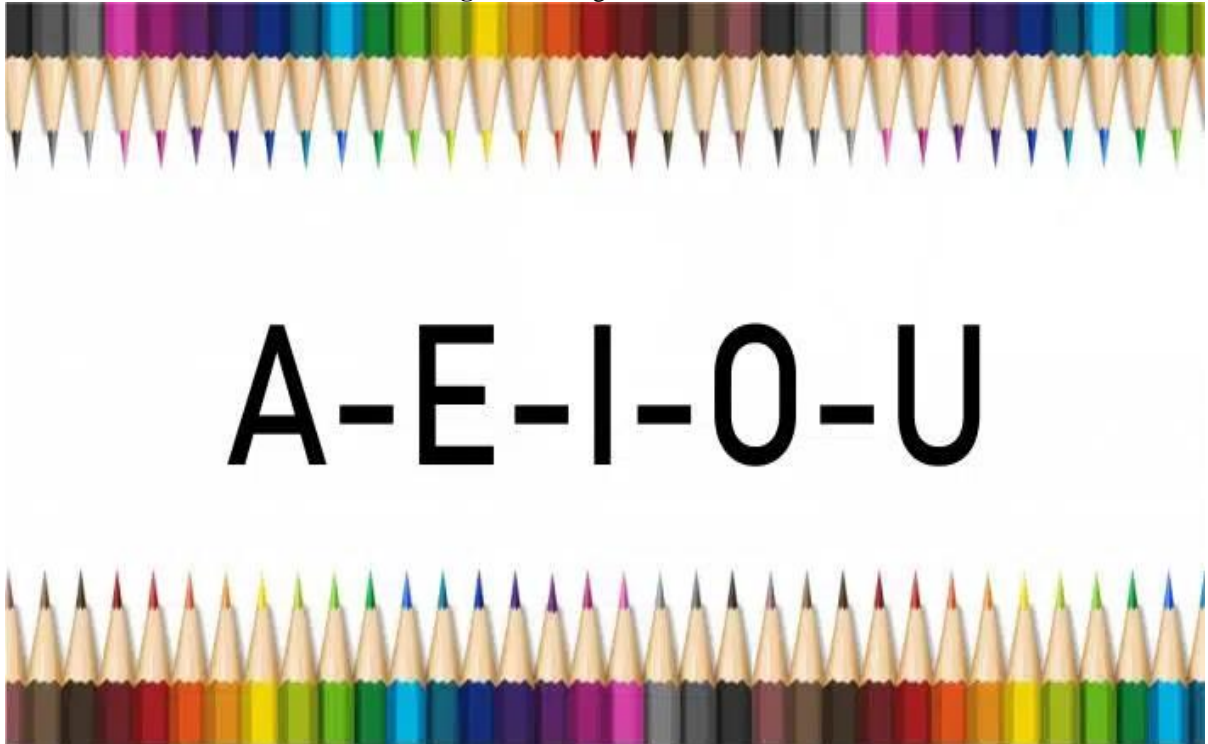
ANEXOS

Figura 8 – Apresentação do Alfabeto

A A a a	B B b b	C C c c	D D d d
E E e e	F F f f	G G g g	H H h h
I I i i	J J j j	K K k k	L L l l
M M m m	N N n n	O O o o	P P p p
Q Q q q	R R r r	S S s s	T T t t
U U u u	V V v v	W W w w	X X x x
Y Y y y	Z Z z z		

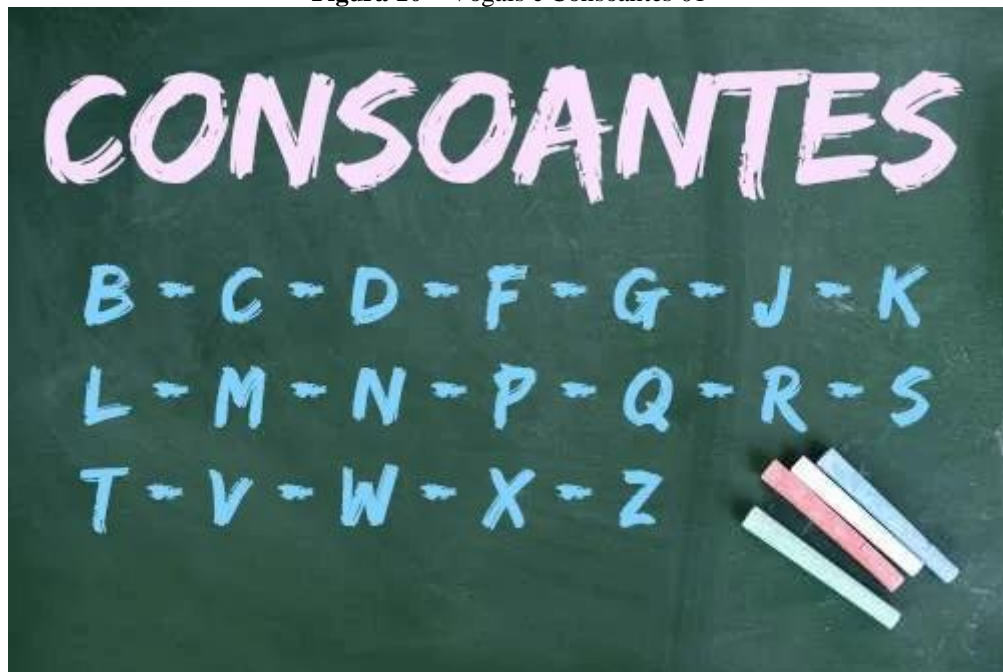
Fonte: <https://bannerspedagogicos.com.br/produto/alfabeto-colorido-4-tipos-de-letras/>

Figura 9 – Vogais e Consoantes



Fonte: <https://www.artesanatopassoapassoja.com.br/atividades-com-as-vogais/>

Figura 10 – Vogais e Consoantes 01

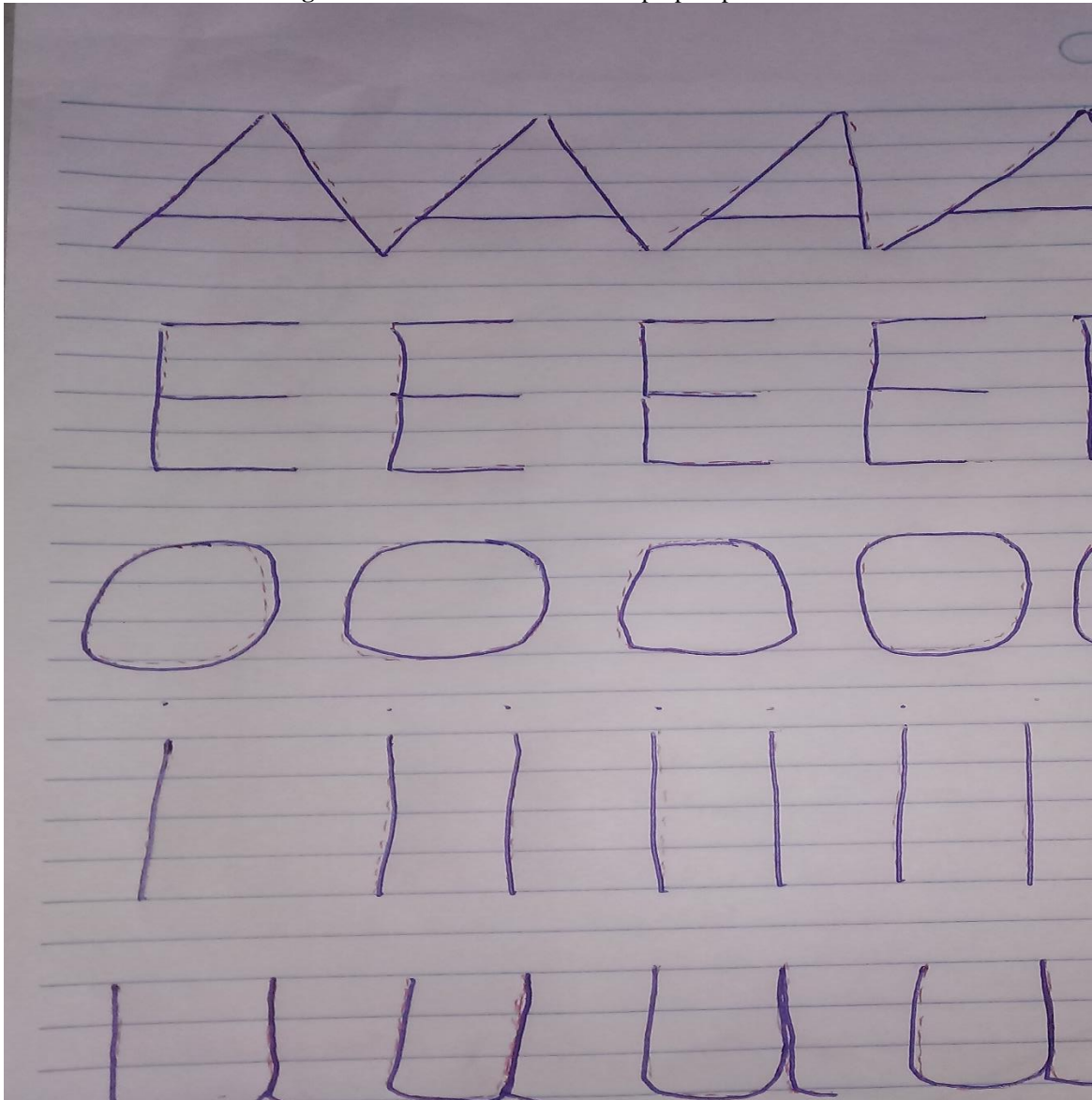


Fonte: <https://mundoeducacao.uol.com.br/gramatica/consoantes.htm>

RECURSO PARA EXPLICAÇÃO

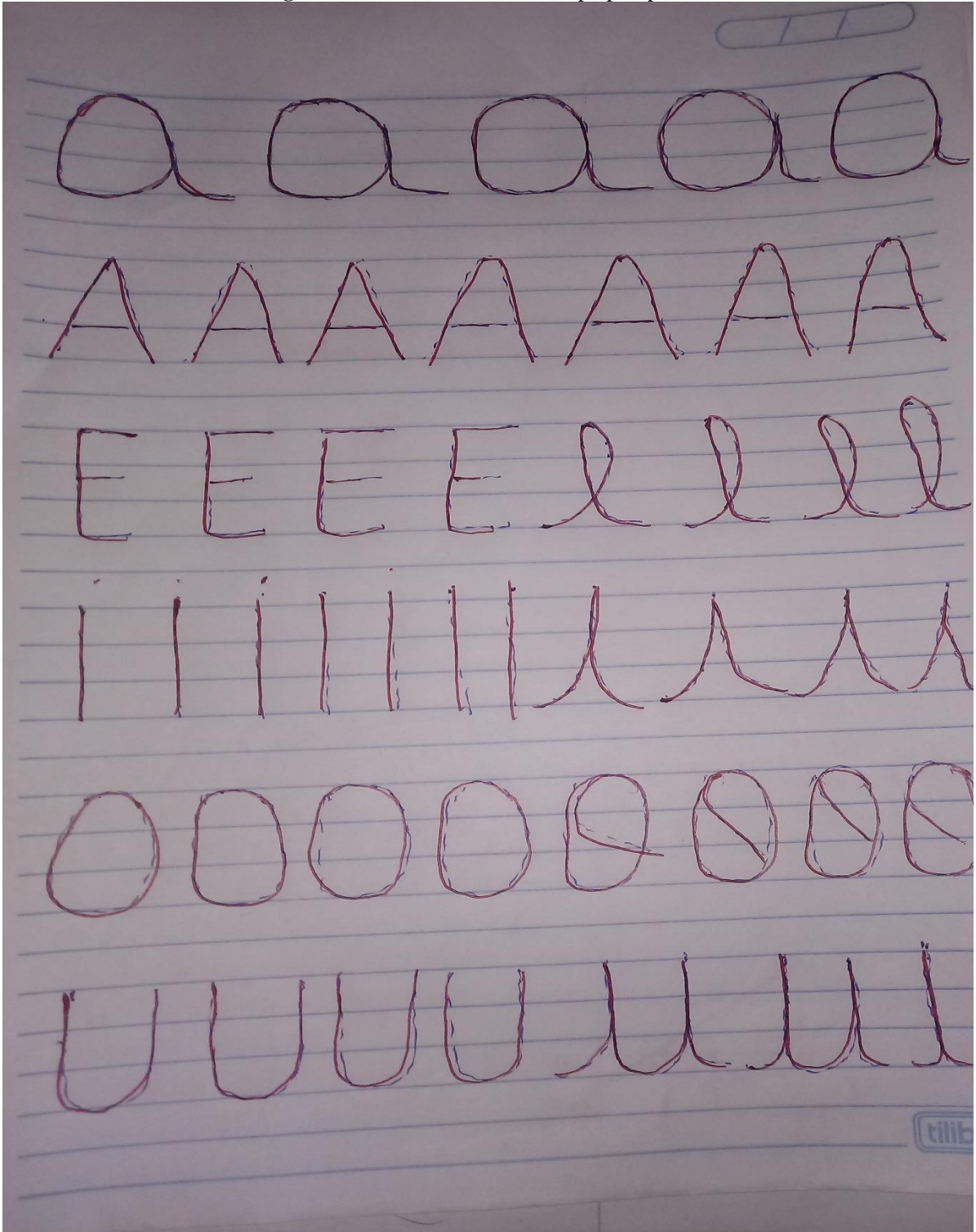
Atividades

Figura 11 – As atividades feitas do próprio punho 01



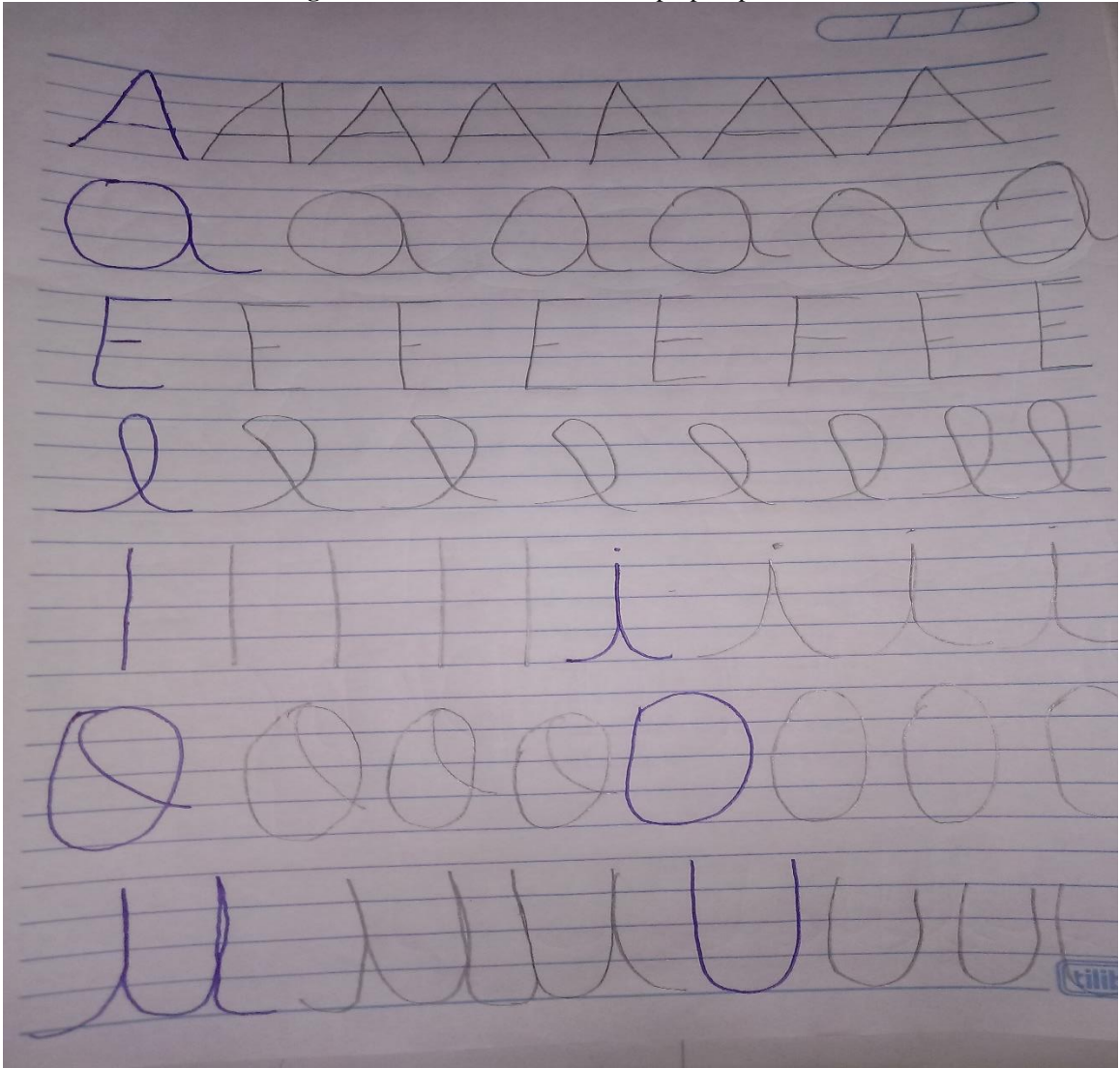
Fonte: Acervo de imagens registradas pela pesquisadora, durante o processo de pesquisa, 2021.

Figura 12 – As atividades feitas de próprio punho 02



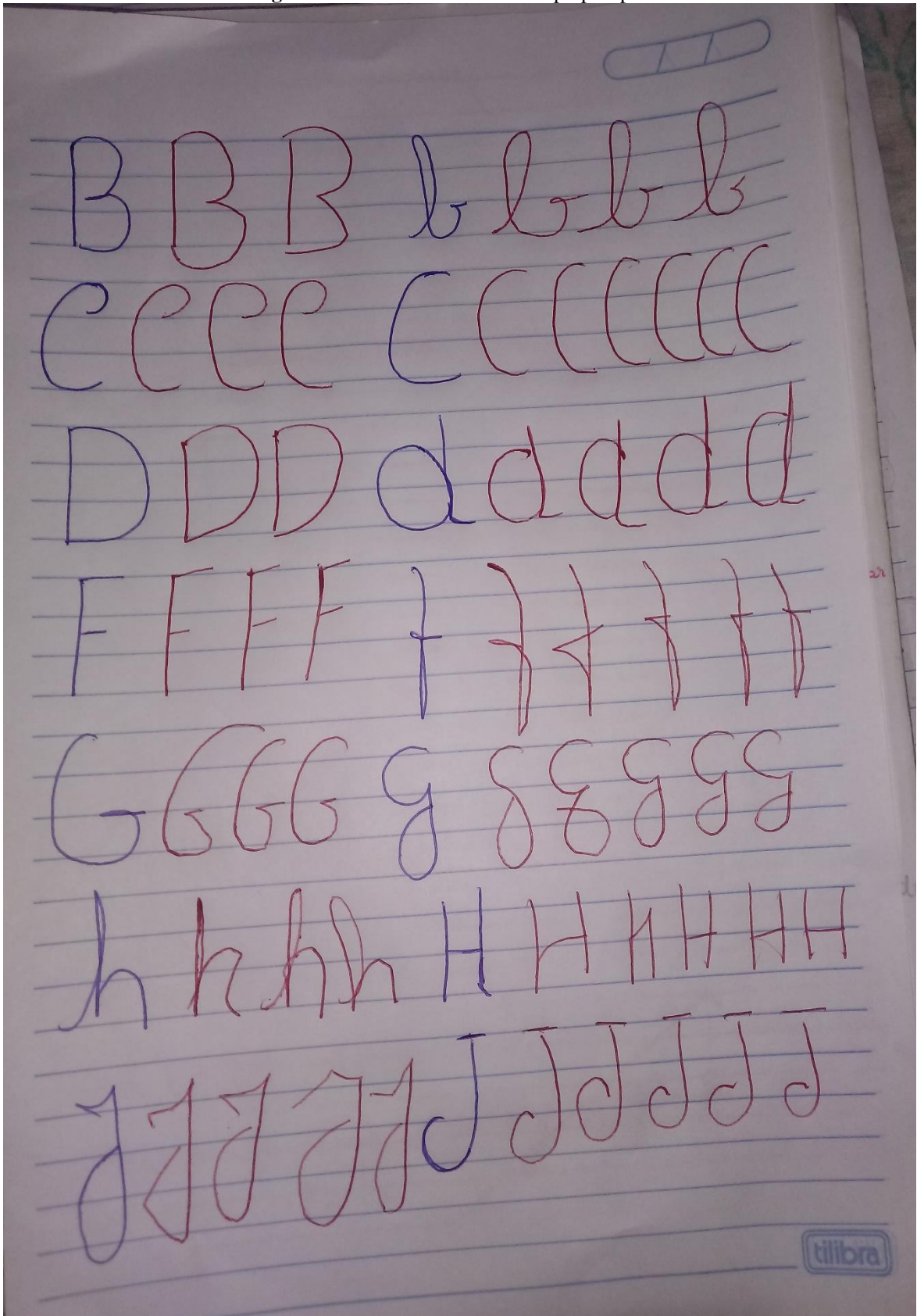
Fonte: Acervo de imagens registradas pela pesquisadora, durante o processo de pesquisa, 2021.

Figura 13 – As atividades feitas de próprio punho 03



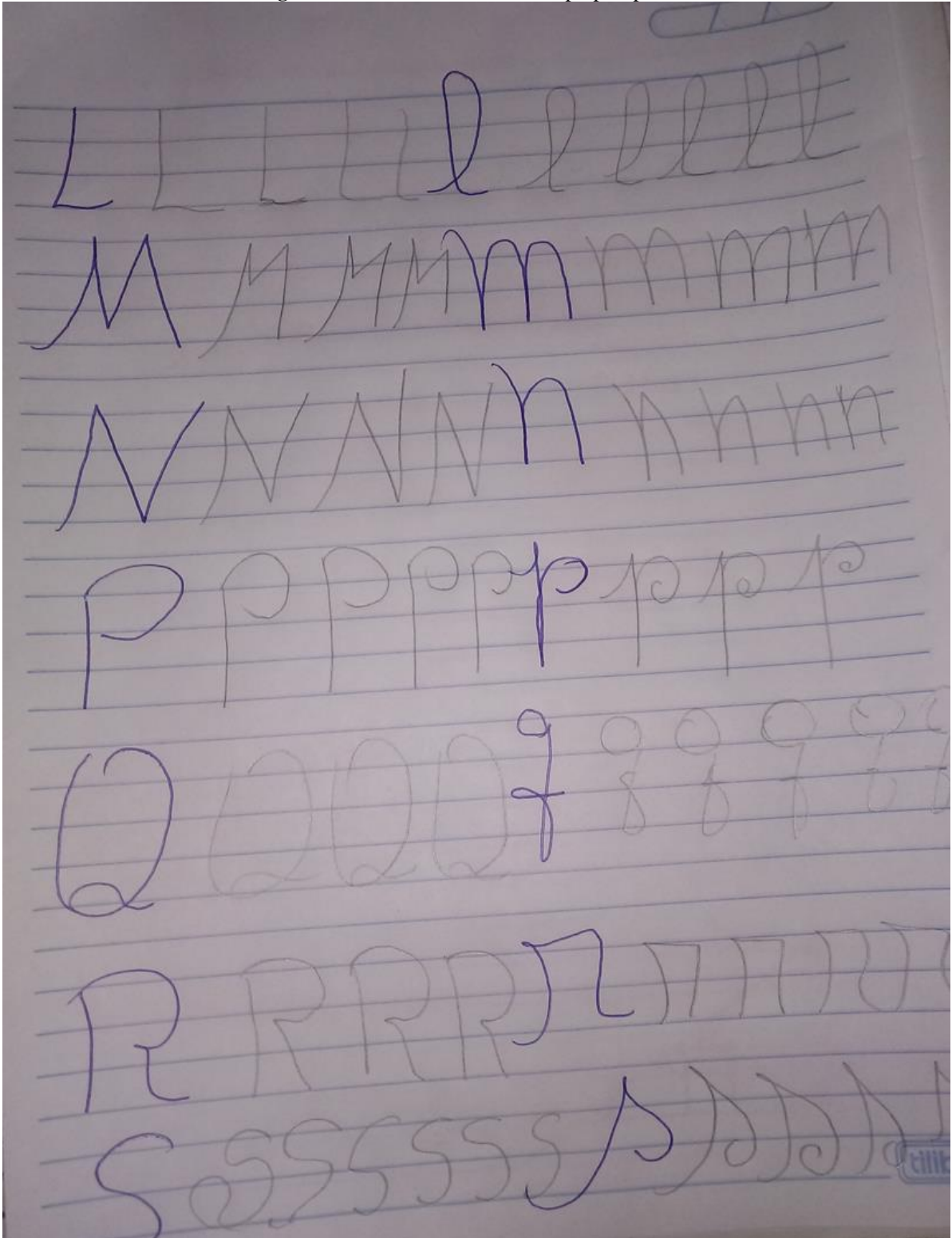
Fonte: Acervo de imagens registradas pela pesquisadora, durante o processo de pesquisa, 2021.

Figura 14 – As atividades feitas de próprio punho 04



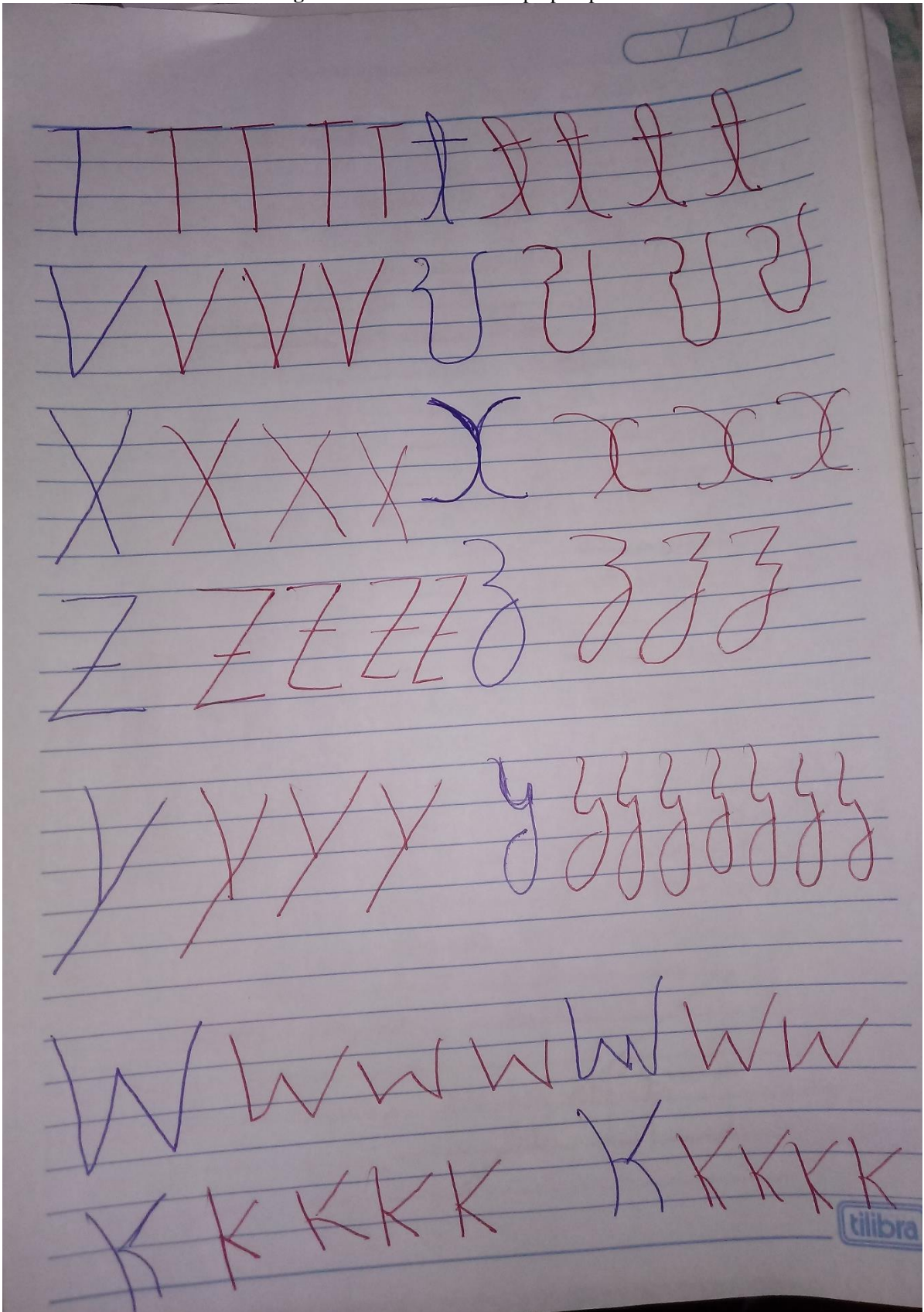
Fonte: Acervo de imagens registradas pela pesquisadora, durante o processo de pesquisa, 2021.

Figura 15 – As atividades feitas de próprio punho 05



Fonte: Acervo de imagens registradas pela pesquisadora, durante o processo de pesquisa, 2021.

Figura 16 – As atividades de próprio punho 06



Fonte: Acervo de imagens registradas pela pesquisadora, durante o processo de pesquisa, 2021.

Figura 17 – As Atividades de próprio punho 07



 COMPLETE OS ESPAÇOS COM AS LETRAS QUE FALTAM PARA
 ESCREVER O NOME DAS FIGURAS.

Pato		ROLO		LATA	
Gato		LOBO		MALA	
Rato		BOLO		BALA	
DADO		COPO		VACA	
MATO		RODO		FACA	
SAPO		MOLA		CAMA	
DEDO		COXA		BOIA	
GELO		BOLA		FOLA	
PERA		SOFA		BONE	
PEMA		BOCA		tatu	












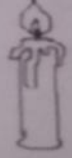
54

Fonte: Acervo de imagens registradas pela pesquisadora, durante o processo de pesquisa, 2021.

Figura 18 – As Atividades de próprio punho 08

Completar o quadro as letras que completam os desenhos abaixo:

V S G P B D M F N L C R

			
.P...ato	.C...ão	.F...aca	.G...ato
			
..S..apo	.D..ado	..L..ata	.M..acaco
			
..B..ola	N...avio	.R..ato	..V...ela

Fonte: Acervo de imagens registradas pela pesquisadora, durante o processo de pesquisa, 2021.




Figura 19 – As Atividade de próprio punho 09


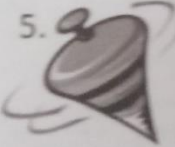
ESCOLA: JOVENTINA

NOME: _____

DATA: 21/10/2022

Complete a cruzadinha abaixo:

2.  3.  4. 

1.  5. 

	T	E	L	E	R	O	N	E
P	E	N	A		P	I	A	O
	S							O
	O							
	H							
	R							
	A							

1. Cobre o corpo das aves.
 2. Usamos para telefonar.
 3. Usamos para cortar papéis e outras coisas.
 4. É o rei da selva.
 5. Brinquedo que gira no chão.

www.todamateria.com.br

Fonte: Acervo de imagens registradas pela pesquisadora, durante o processo de pesquisa, 2021.

Figura 20 – As Atividades de próprio punho 10

ESCOLA: JOVENTINA

NOME: _____

DATA: 12/10/2021

Observe o caça-palavras abaixo e encontre as seguintes palavras:

MACACO	CACHORRO	PATO
GATO	SAPO	FOCA
GIRAPA	VACA	


Z S Â M A C A C O C
 G I R A F A T O Û U
 I À P Z H C Q S G Z
 Ç V V Ú Y H R A N D
 Â A G A T O E P G Í
 C C É G L R P O G C
 Ú A Í A G R A F H Q
 I F V I R O T O X ã
 R A T Û Ú U O C Y J
 C F D P É V É A H Õ

www.todamateria.com.br

Fonte: Acervo de imagens registradas pela pesquisadora, durante o processo de pesquisa, 2021.


Figura 21 – As Atividades de próprio punho 11

6-Escreva um número de telefone para contato:



98264-3349


7- Quantos quilos você pesa? Escreva aqui:



76

8- Quanto você mede? Escreva aqui:

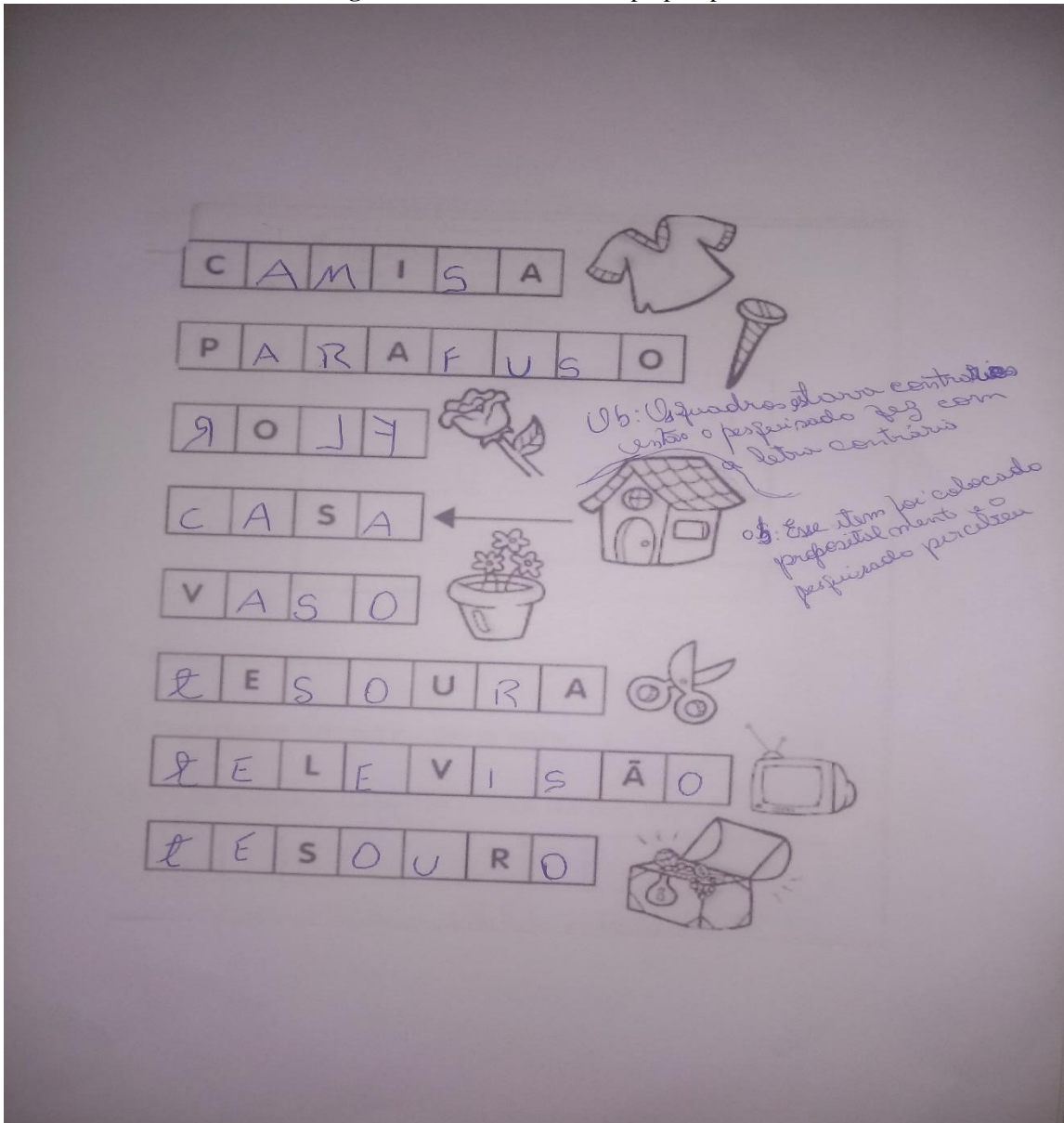
1,74



www.misturadealegria.blogspot.com.br Adiléa

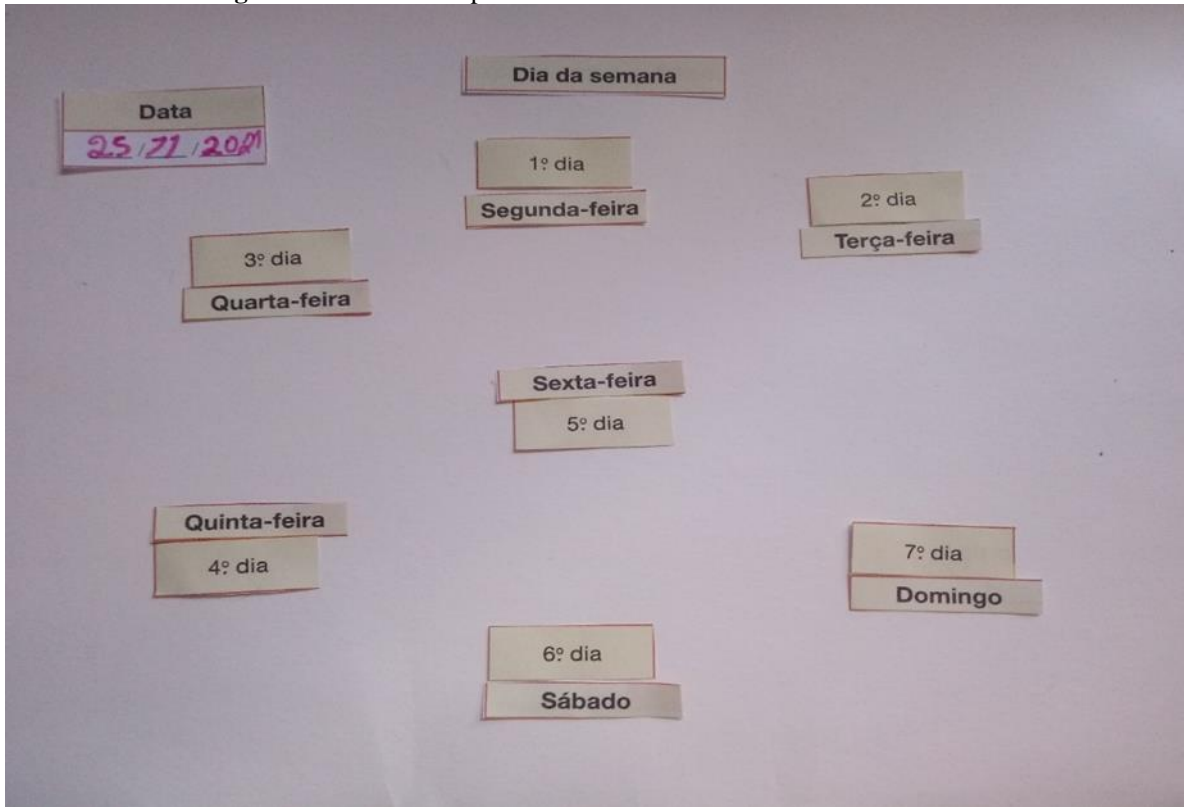
Fonte: Acervo de imagens registradas pela pesquisadora, durante o processo de pesquisa, 2021.

Figura 22 – As Atividades de próprio punho 12



Fonte: Acervo de imagens registradas pela pesquisadora, durante o processo de pesquisa, 2021.

Figura 23 – Atividades para trabalhar a data ordem e os dias da semana



Fonte: Acervo de imagens registradas pela pesquisadora, durante o processo de pesquisa, 2021.

Figura 24 – Trabalhando o calendário



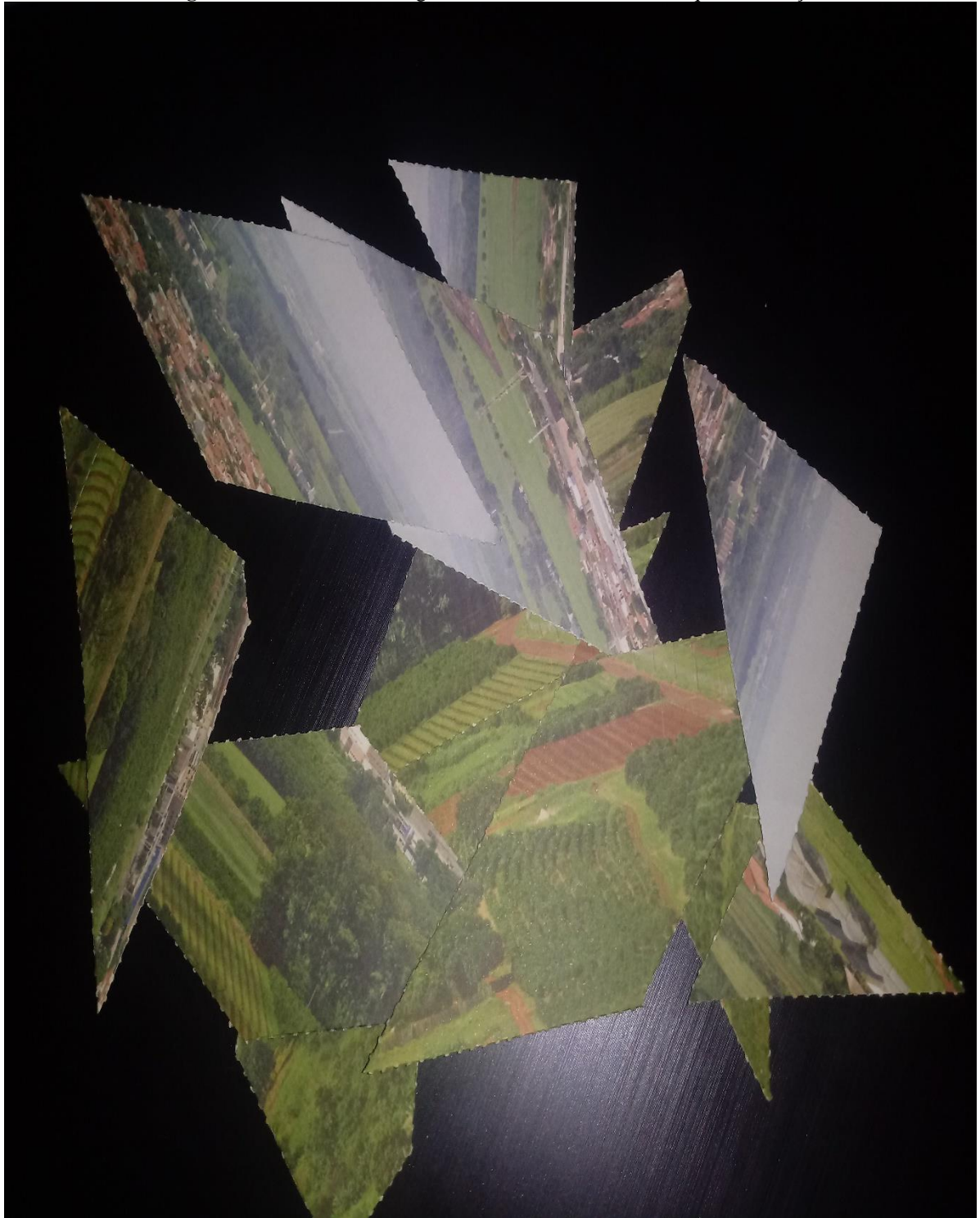
Fonte: Acervo de imagens registradas pela pesquisadora, durante o processo de pesquisa, 2021.

Figura 25 – Trabalhando os sentimentos, vontades, emoções



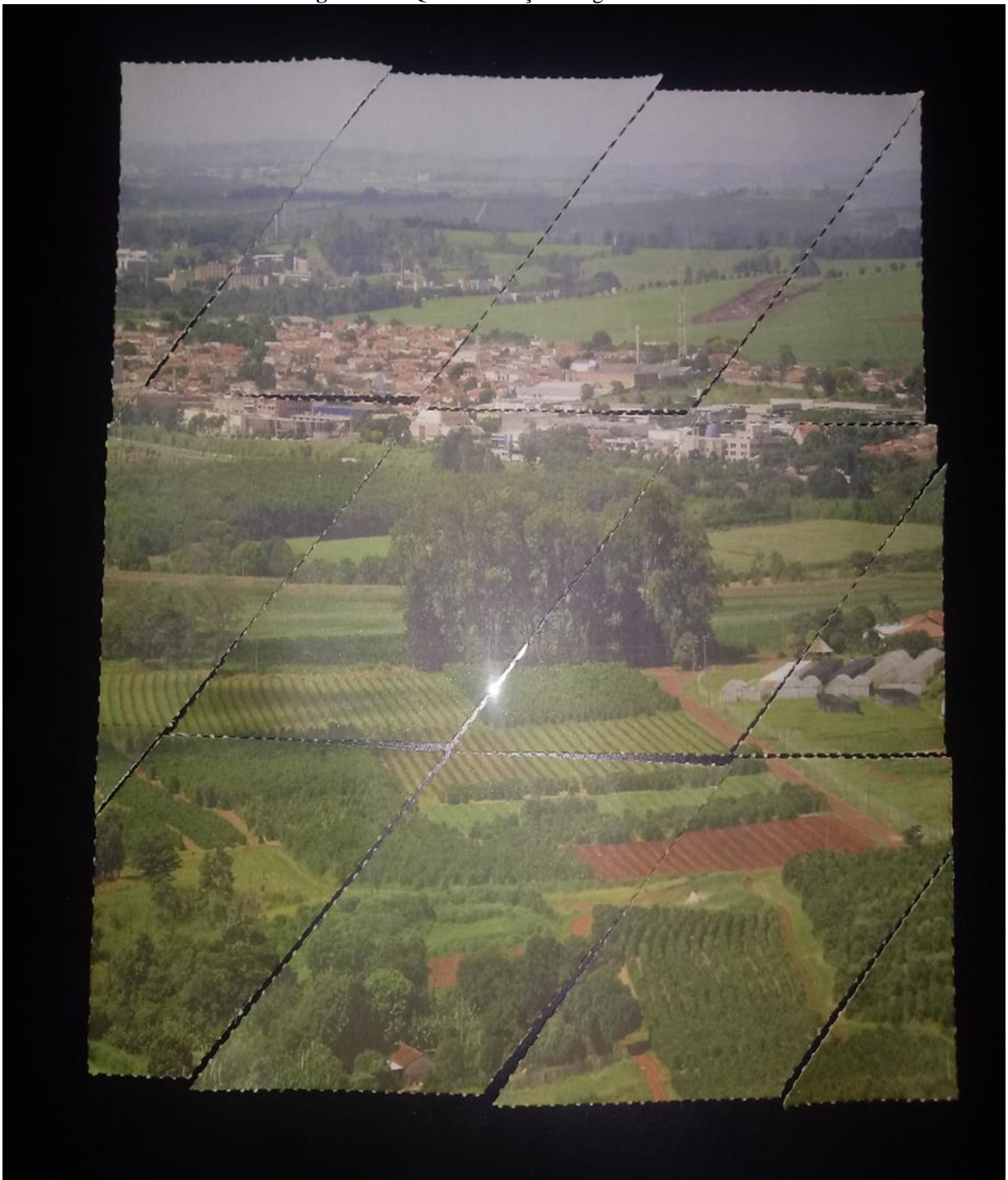
Fonte: Acervo de imagens registradas pela pesquisadora, durante o processo de pesquisa, 2021.

Figura 26: Conhecendo a região, sua história e a memória, quebra-cabeça



Fonte: Acervo de imagens registradas pela pesquisadora, durante o processo de pesquisa, 2021.

Figura 27 – Quebra-cabeça da região montado



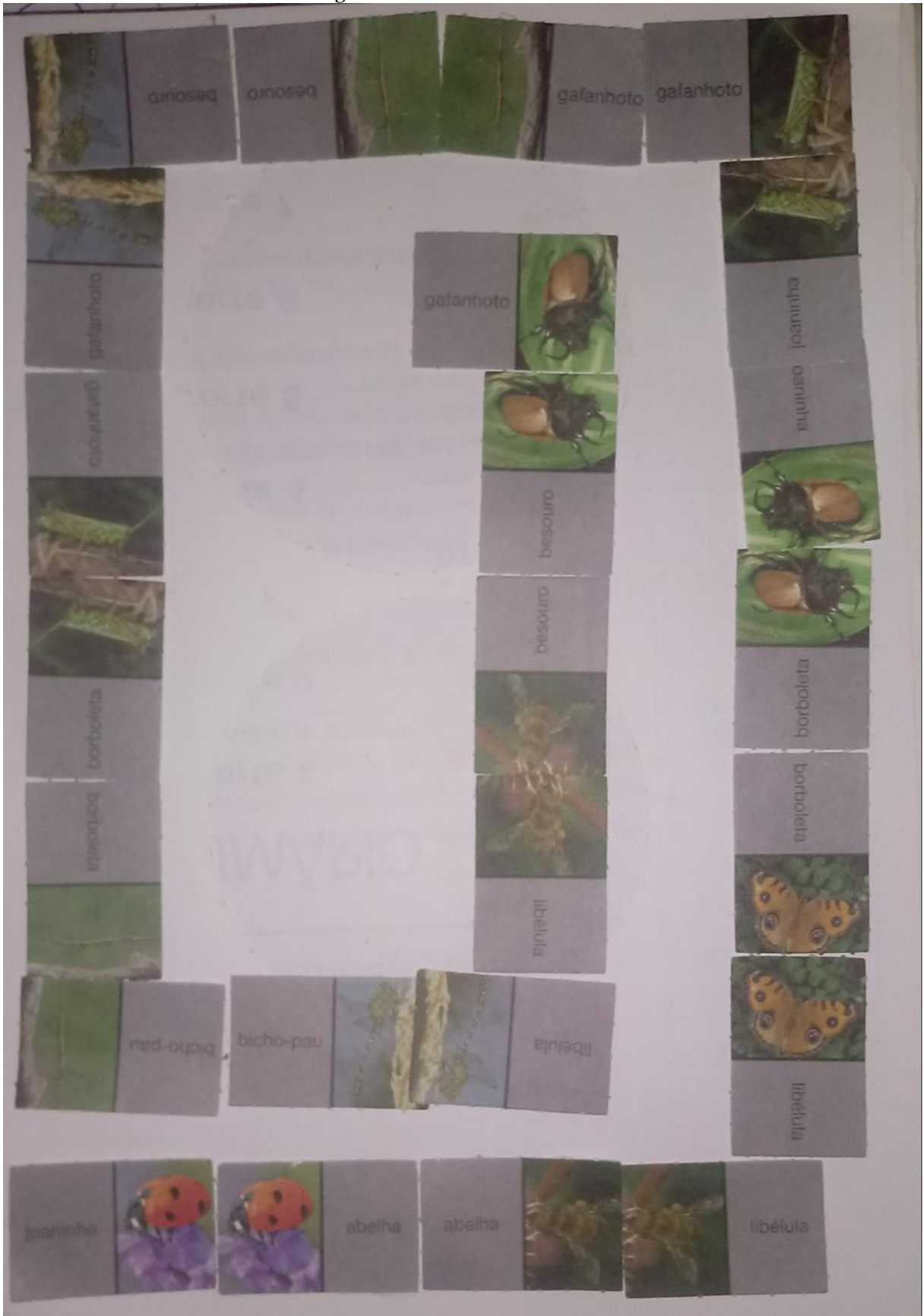
Fonte: Acervo de imagens registradas pela pesquisadora, durante o processo de pesquisa, 2021.

Figura 28 - Dominó dos insetos



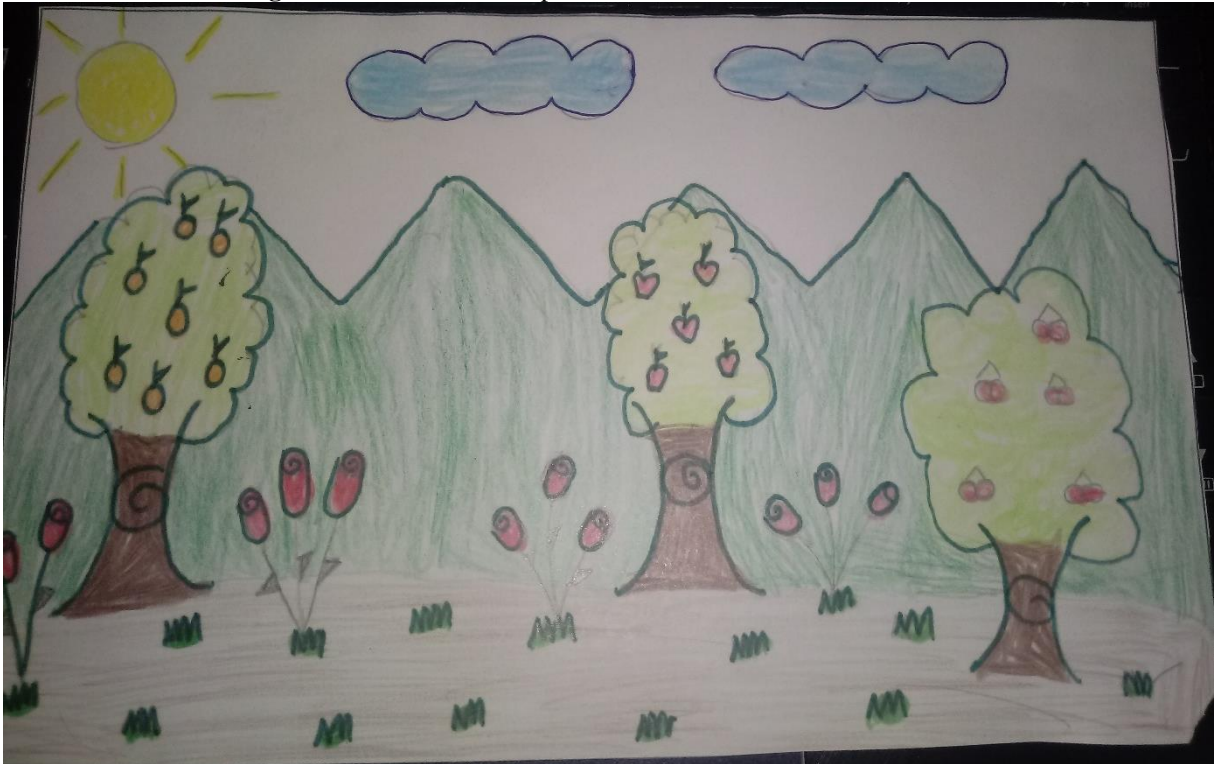
Fonte: Acervo de imagens registradas pela pesquisadora, durante o processo de pesquisa, 2021.

Figura 29 – Dominó dos insetos 01



Fonte: Acervo de imagens registradas pela pesquisadora, durante o processo de pesquisa, 2021.

Figura 30 – Desenhando o pomar da fazenda com árvores frutíferas



Fonte: Acervo de imagens registradas pela pesquisadora, durante o processo de pesquisa, 2021.

Figura 31 – A casa de Rita e Paulo na fazenda



Fonte: Acervo de imagens registradas pela pesquisadora, durante o processo de pesquisa, 2021.

Figura 32 - Imagem representa o dia do casamento de Rita e Paulo realizado no de São João



Fonte: Acervo de imagens registradas pela pesquisadora, durante o processo de pesquisa, 2021.

Figura 33 - Mensagem para conscientizar a todos sobre as vacinas



Fonte: Acervo de imagens registradas pela pesquisadora, durante o processo de pesquisa, 2021.